



UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO
FACULDADE DE HUMANIDADES
MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA



CARACTERIZAÇÃO DO PORTUGUÊS FALADO NO HUAMBO
Aspectos Fonológicos e Morfossintáticos

Inocência Fortunato Kuyanga
(Licenciado)

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa

Orientador científico:
Professor Doutor Victoriano Armindo

Luanda
2025

UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO
FACULDADE DE HUMANIDADES
MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

CARACTERIZAÇÃO DO PORTUGUÊS FALADO NO HUAMBO
Aspectos Fonológicos e Morfossintáticos

Inocência Fortunato Kuyanga
(Licenciado)

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa

Orientador científico:
Professor Doutor Victoriano Armindo

Luanda
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Autor:

Inocêncio Fortunato Kuyanga

Título:

Caracterização do português falado no Huambo: aspectos fonológicos e morfossintáticos

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa

Orientador científico:

Professor Doutor Victoriano Armindo

Palavras-chave:

Palavras-chave: Português, Huambo, aspectos fonológicos e morfossintáticos

Total de páginas:

104

Instituição:

Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto

Localidade:

Luanda/Angola

Ano:

2025

“Permitida a reprodução total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte e sem carácter comercial”

“A Pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos económicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo.”

- Olavo Bilac, escritor brasileiro.

Dedico à Leontina Tchicumbo, heroína anónima, minha
mãe, minha diva, meu mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Arsénio Cruz (em memória), pelos grandes ensinamentos;

Ao meu orientador, Professor Doutor Victoriano Armindo, pelo suporte metodológico, pela entrega, pelo debate aberto, proporcionando bons momentos de sapiência;

Aos Docentes do Curso de Mestrado em Língua Portuguesa da Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto;

À Direcção do Instituto Superior Politécnico da Caála – Huambo, pelo incentivo à formação contínua dos docentes;

À Direcção do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, pela disponibilidade da sua biblioteca;

Ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo – INAGBE, pela atribuição de uma bolsa interna;

À Direcção da Biblioteca do ISCED – Huambo, pela disponibilidade de alguns livros citados na dissertação;

Aos meus colegas, irmãos, filhos, parentes e amigos, pela amizade, pelo suporte incondicional;

Ao Professor Doutor Nuno Neves, pelas sábias lições de Metodologia de Investigação Científica;

Ao Senhor Paulino Kuyanga, meu pai, pelo incentivo;

Ao Doutor Ildefonso Inocêncio, meu segundo pai, pelas grandes lições sobre a vida.

Aos estimados estudantes do Instituto Superior Politécnico da Caála, pela colaboração no âmbito da componente empírica da Dissertação;

Aos estudantes do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, pelo suporte dado;

O meu profundo agradecimento à Maria Florinda Kuyanga (minha esposa), pela coragem, dedicação e amor.

RESUMO

O presente trabalho tem como objectivo caracterizar o português falado no Huambo (aspectos fonológicos e morfossintácticos). Do ponto de vista metodológico, quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa básica; quanto à forma de abordagem do problema, qualitativa e quantitativa; quanto aos objectivos, descritiva; quanto aos procedimentos, pesquisa de campo; quanto à linha de investigação, pesquisa sociolinguística. Em termos de resultados, maior número de falantes é bilingue, ou seja, a maioria fala português e umbundu. Do ponto de vista fonológico, destacam-se três fenómenos distintos: apócope - a supressão da consoante “r” na formação de frases com verbos no infinitivo; paragoge - adição da vogal “e” em frases com verbos no infinitivo; prótese nasal - adição de uma consoante nasal diante de palavras iniciadas pelas consoantes b, d, g. Para os aspectos morfossintácticos, grande parte dos elementos explorados, remetem-nos ao que é, gramaticalmente, correcto. Entretanto, temos a destacar o fenómeno atinente à colocação dos pronomes oblíquos: nas frases afirmativas, sem elementos atrativos, a amostra indicou, maioritariamente, a opção normativa e, para o caso em que temos a presença de um elemento atrativo, os resultados são contrários. Quanto à crase com topónimos, os resultados indicam que, em algumas situações, ela não é utilizada de forma adequada, sobretudo com topónimos neutros, ou seja, que não são antecidos por artigos. Outro aspecto relevante, nota-se a preferência da utilização de tempos compostos para substituir o pretérito mais-que-perfeito. De forma conclusiva, a pesquisa confirma que o português falado no Huambo acarreta aspectos fonológicos e morfossintácticos distintos.

Palavras-chave: Português, Huambo, aspectos fonológicos e morfossintácticos.

ABSTRACT

The present work aims to characterize the portuguese spoken in Huambo (phonological and morphosyntactic aspects). From a methodological point of view, in terms of nature, it is a basic research; in terms of the approach to the problem, it is qualitative and quantitative; in terms of objectives, it is descriptive; in terms of procedures, it is field research; in terms of the line of investigation, it is sociolinguistic research. In terms of results, the majority of speakers are bilingual, that is, the majority speak portuguese and umbundu. From a phonological point of view, three distinct phenomena stand out: apocope - the suppression of the consonant “r” in the formation of sentences with verbs in the infinitive; paragoge - the addition of the vowel “e” in sentences with verbs in the infinitive; nasal prosthesis - the addition of a nasal consonant before words beginning with the consonants b, d, g. As for the morphosyntactic aspects, most of the elements explored refer us to what is grammatically correct. However, we must highlight the phenomenon related to the placement of oblique pronouns: in affirmative sentences, without attractive elements, the sample indicated, mostly, the normative option and, for the case in which we have the presence of an attractive element, the results are contrary. As for the crasis with toponyms, the results indicate that, in some situations, it is not used appropriately, especially with neutral toponyms, that is, those that are not preceded by articles. Another relevant aspect is the preference for the use of compound tenses to replace the pluperfect. Conclusively, the research confirms that the portuguese spoken in Huambo entails distinct phonological and morphosyntactic aspects.

Key-words: Portuguese, Huambo, phonological and morphosyntactic aspects.

SIGLAS E ACRÓNIMOS

CC – Competência Comunicativa
CL - Competência Linguística
CRA – Constituição da República de Angola
IF – Interferência Fonológica
IL – Interferência Linguística
IM – Interferência Morfossintáctica
INE – Instituto Nacional de Estatística
L1 – Língua Materna
L2 – Língua Segunda
LB – Línguas Bantu
LE – Língua Estrangeira
LN - Língua Nacional
LO – Língua Oficial
LP – Língua Portuguesa
LU – Língua Umbundu
MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola
PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PE – Português Europeu
QECR - Quadro Europeu Comum de Referência
UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa
UNITA – União Nacional para Independência Total de Angola
VAP – Variante do Português de Angola
VL – Variação Linguística

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
SIGLAS E ACRÓNIMOS.....	viii
ÍNDICE GERAL.....	ix
ÍNDICE DE TABELAS.....	xii
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xiv
INTRODUÇÃO.....	1
0.1. Problema científico	2
0.2. Hipóteses	3
0.3. Justificativa	3
0.4. Objecto de estudo.....	3
0.5. Objectivos	3
0.6. Revisão da literatura.....	4
0.7. Estrutura do trabalho	5
CAPÍTULO I: A LÍNGUA E CONCEITOS AFINS.....	7
1.1. Língua, fala e dialecto	8
1.2. Língua Materna, Língua Segunda, Língua Estrangeira e Língua oficial	11
1.3. Norma linguística	13
1.3.1. Momentos marcantes na história da Língua Portuguesa	13
1.4. A noção de variação linguística	14
1.5. Bilinguismo, Diglossia e Política Linguística.....	16
1.6. Competência Linguística e Competência Comunicativa	17
CAPÍTULO II: PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO DO HUAMBO.....	19
2.1. Huambo: dados essenciais.....	20
2.2. Visão geral sobre a situação linguística do Huambo	23
2.3. Constituição etnolinguística de Angola e o caso específico do Huambo.....	24
2.3.1. Os Ovimbundu.....	25
2.3.2. Os Ambundu.....	26
2.3.3. Os Bakongo	26
2.3.4. Os Tucokwe.....	27

2.3.5. Os Nhyaneka-Humbi	27
2.3.6. Os Ovahelelo	27
2.3.7. Os Ovambo	27
2.3.8. Os Vangangela.....	27
2.3.9. Os Ovakwanyama.....	28
2.4. O estatuto do português em Angola, o caso do Huambo	29
2.5. Língua umbundu e a língua portuguesa	30
2.5.1. Resenha histórica da língua umbundu	30
2.5.2. O estatuto da língua umbundu	31
2.5.3. Características da língua umbundu.....	32
2.5.4. Aspectos fonológicos da língua umbundu.....	32
2.6. O fenómeno em torno dos Prefixos da LU.....	35
2.7. Contacto do português e a língua umbundu	40
2.7.1. Interferências fonológicas do Umbundu no Português	40
2.7.2. Interferências morfossintáticas do Umbundu no Português	43
2.7.3. Interferências léxico-semânticas	44
CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	46
3.1. Ponto de partida.....	47
3.2. Classificação da pesquisa	47
3.3. População e amostra.....	49
3.4. Elementos de inclusão e exclusão	50
3.5. Variáveis estudadas	50
3.6. Meios auxiliares de colecta e análise de informação	51
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	52
4.1. Dados introdutórios da amostra	53
4.2. Caracterização do português falado no Huambo	55
4.2.1. Aspectos fonológicos.....	55
4.2.2. Métodos utilizados: transcrição ortográfica e transcrição fonética	55
4.2.2 Aspectos Morfossintáticos.....	58
CONCLUSÕES.....	71
Recomendações.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
Outras fontes	81

APÊNDICES.....	82
Apêndice A - Entrevista Sociolinguística	83
Apêndice B - Questionário.....	84
ANEXOS.....	86
Anexo A - Autorização institucional.....	87
Anexo B - Solicitação de autorização para realização de trabalho de campo.....	88
Anexo C - Autorização da pesquisa pelo ISP-Caála	89
Anexo D – Alfabeto Fonético Internacional	90

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Ilustração da faixa etária da amostra.....	53
Tabela 2: Ilustração do gênero da amostra	53
Tabela 3: Ilustração da residência da amostra	53
Tabela 4: Ilustração da língua materna da amostra.....	54
Tabela 5: Ilustração do domínio linguístico da amostra	54
Tabela 6: Ilustração da língua falada com maior frequência	54
Tabela 7: Ilustração do 1º resultado quanto aos aspectos fonológicos	56
Tabela 8: Ilustração do 2º resultado quanto aos aspectos fonológicos	57
Tabela 9: Ilustração das respostas da questão “a” / Aspectos morfossintáticos	58
Tabela 10: Ilustração das respostas da questão "a" quanto à faixa etária	58
Tabela 11: Ilustração das respostas da questão "a" quanto ao gênero	59
Tabela 12: Ilustração das respostas da questão "a" quanto à residência.....	59
Tabela 13: Ilustração das respostas da questão "b"/ Aspectos morfossintáticos	59
Tabela 14: Ilustração das respostas da questão "b" quanto à faixa etária	60
Tabela 15: Ilustração das respostas da questão "b" quanto ao gênero	60
Tabela 16: Ilustração das respostas da questão "b" quanto à residência.....	60
Tabela 17: Ilustração das respostas da questão "c"/Aspectos morfossintáticos.....	61
Tabela 18: Ilustração das respostas da questão "c" quanto à faixa etária	61
Tabela 19: Ilustração das respostas da questão "c" quanto ao gênero	62
Tabela 20: Ilustração das respostas da questão "c" quanto à residência.....	62
Tabela 21: Ilustração das respostas da questão "d"/ Aspectos morfossintáticos	62
Tabela 22: Ilustração das respostas da questão "d" quanto à faixa etária	63
Tabela 23: Ilustração das respostas da questão "d" quanto ao gênero	63
Tabela 24: Ilustração das respostas da questão "d" quanto à residência.....	64
Tabela 25: Ilustração das respostas da questão "e"/ Aspectos morfossintáticos.....	64
Tabela 26: Ilustração das respostas da questão "e" quanto à faixa etária	64
Tabela 27: Ilustração das respostas da questão "e" quanto ao gênero	65
Tabela 28: Ilustração das respostas da questão "e" quanto à residência.....	65
Tabela 29: Ilustração das respostas da questão "f"/ Aspectos morfossintáticos	66
Tabela 30: Ilustração das respostas da questão "f" quanto à faixa etária.....	66
Tabela 31: Ilustração das respostas da questão "f" quanto ao gênero.....	66

Tabela 32: Ilustração das respostas da questão "f" quanto à residência	67
Tabela 33: Ilustração das respostas da questão "g"/ Aspectos morfossintáticos	67
Tabela 34: Ilustração das respostas da questão "g" quanto à faixa etária	68
Tabela 35: Ilustração das respostas da questão "g" quanto ao gênero	68
Tabela 36: Ilustração das respostas da questão "g" quanto à residência.....	68
Tabela 37: Ilustração das respostas da questão "h"/ Aspectos morfossintáticos	69
Tabela 38: Ilustração das respostas da questão "h" quanto à faixa etária	69
Tabela 39: Ilustração das respostas da questão "h" quanto ao gênero	70
Tabela 40: Ilustração das respostas da questão "h" quanto à residência.....	70

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Localização geográfica da província do Huambo	21
Figura 2: Mapa da província do Huambo	22
Figura 3: Mapa ilustrativo das famílias linguísticas de África	24
Figura 4: Mapa etnolinguístico de Angola	28

INTRODUÇÃO

A abordagem actual sobre o Português é dominada pela construção de uma norma angolana, ou seja, a identificação de uma variante angolana do português. Vários estudos são protagonizados com esse propósito. O assunto é justificável, apegando-se à ideia de que uma língua não é imutável no âmbito da sua realização. Tal como conseguimos identificar particularidades no inglês britânico em detrimento do inglês americano, português falado em Portugal em contraste com o falado no Brasil, numa perspectiva mais ampla, o assunto pode ser visto, numa perspectiva menos ampla, encontrando, por exemplo, particularidades no português falado no Huambo, numa comparação com o português falado no resto do país.

O país define-se como plurilingue ou multilingue, pelo facto da coabitação linguística existente entre as línguas angolanas e o português, língua de maior prestígio, ou seja, língua oficial. Em linhas gerais, a coabitação entre o português e as línguas angolanas, produziu uma variedade linguística do português, com traços que o diferenciam das demais normas do português, europeu, brasileiro, moçambicano e de outros países africanos de expressão portuguesa, tal como referenciou Armindo (2020).

Na mesma senda, a partir da visão de Armindo (2020), é possível compreender que várias são as situações que podem influenciar no desenvolvimento de uma ou de outra língua. Cada província de Angola tem realidades particulares, a que escolhemos para direccionar a nossa abordagem é, essencialmente, bilingue, um bilinguismo que pode ser social ou individual. O nosso enfoque está na base da descrição das características peculiares do português falado nessa parcela de terra, o que implica a competência comunicativa do falante em causa. O presente trabalho é um instrumento para futuras investigações. Os pesquisadores angolanos, infelizmente, têm poucas referências locais, uma questão que é causada pelo facto de poucos estudos serem realizados e, outra situação - é que os poucos estudos realizados nem sempre são publicados.

0.1. Problema científico

Uma vez que foram realizados poucos estudos referentes ao fenómeno linguístico atinente à província do Huambo, com a presente temática, **“Caracterização do Português falado no Huambo: aspectos fonológicos e morfossintácticos”**, discutimos, com cientificidade, a seguinte questão de pesquisa:

- É possível aferir a existência de aspectos fonológicos e morfossintácticos distintos no português falado no Huambo?

0.2. Hipóteses

Pela natureza do presente trabalho, com objectividade, foram estruturadas duas hipóteses:

- **Hipótese 1:** o português falado no Huambo acarreta aspectos fonológicos e morfossintácticos distintos;
- **Hipótese 2:** o português falado no Huambo não acarreta aspectos fonológicos e morfossintácticos distintos.

0.3. Justificativa

A escolha do tema foi motivada pela necessidade de aprofundar estudos tangentes à descrição linguística. O nosso país, em termos de produção científica, carece de mais trabalhos voltados ao descritivismo.

Enquanto pesquisadores em linguística, temos a necessidade de contribuir com algum conhecimento valioso. Entendemos que, na província do Huambo, estudos voltados à caracterização do português e sua descrição são poucos. De forma comparativa, noutras localidades de Angola, encontramos estudos mais avançados, sobretudo nas províncias do norte de Angola.

0.4. Objecto de estudo

O objecto de estudo da presente investigação, em função da temática, é o português falado no Huambo, explorando aspectos fonológicos e morfossintácticos. Aspectos resultantes do contacto linguístico existente entre o português, uma língua neolatina e o umbundu, uma língua angolana de origem bantu.

0.5. Objectivos

O trabalho é norteado pelo seguinte objectivo geral:

- Caracterizar o português falado no Huambo (aspectos fonológicos e morfossintácticos).

Com base ao objectivo geral expresso, foram descritos os seguintes objectivos específicos:

- Fundamentar teoricamente sobre a situação linguística actual do Huambo;

- Descrever aspectos fonológicos e morfossintáticos do português falado no Huambo;
- Fazer uma análise contrastiva do português e a língua umbundu;
- Contribuir para a solidificação da Variante Angolana do Português.

0.6. Revisão da literatura

Neste contexto, recorreremos aos nossos pioneiros, nomeadamente, João Fernandes e Zavoni Ntongo (2002), Arsénio Cruz (2013); Márcio Undolo (2014); Adriano Benvindo (2016), cujas abordagens, embora com enfoques diferentes, descrevem questões linguísticas importantes para o nosso trabalho.

Um recurso pertinente é a obra “Angola: povos e línguas” de João Fernandes e Zavoni Ntongo, publicada em 2002. A obra dos professores traz elementos históricos das línguas angolanas que foram úteis para o nosso trabalho, foi como ponto de partida para a abordagem. É uma obra que antecedeu grande parte de estudos feitos por angolanos, sobretudo, nos campos linguístico, histórico e cultural.

Para focar no aspecto de tamanha relevância, para o nosso trabalho, a caracterização do perfil linguístico do público-alvo, a pesquisa mais actual e actuante, uma das poucas, ou mesmo a única dentro do padrão que levamos a cabo, é a tese de doutoramento com o título “Estudo comparativo entre o perfil linguístico do falante urbano do Lubango e do Huambo e suas implicações no ensino do Português” de Arsénio da Silva Cruz (2013).

Arsénio da Silva Cruz traz, na sua obra, uma perspectiva didáctica sobre dois perfis linguísticos, o do falante urbano do Lubango e o do falante urbano do Huambo. No âmbito de alguns conceitos operatórios, a tese traz uma terminologia própria para a especialidade, uma tendência válida para o presente estudo. Em termos de dados estatísticos, o professor, para o caso do Huambo, realçou particularidades do falante do circuito urbano. Apesar de focalizar a abordagem numa perspectiva de ensino, a mesma foi importante para o cumprimento da nossa meta.

Na mesma ordem de ideias, destaca-se a obra intitulada “Caracterização da norma do português em Angola”, do professor Márcio Edu da Silva Undolo, publicada em 2014.

A partir da obra de Undolo conseguimos obter mecanismos para compreender a norma do português falado em Angola, percebem-se as principais diferenças que a mesma traz em relação aos demais países da lusofonia.

Por sua vez, Adriano Benvindo (2016), com a sua obra intitulada “Lexicografia bilingue de aprendizagem: contribuição para o desenvolvimento do léxico da língua portuguesa das crianças na província do Huambo”, traz outros aspectos relevantes, sobretudo, aspectos comparativos entre a língua portuguesa e a língua umbundu.

0.7. Estrutura do trabalho

O trabalho apresenta a seguinte estrutura:

Introdução: parte inicial do trabalho que engloba: o problema científico, hipóteses, justificativa, objecto de estudo, objectivos: geral e específicos e, finalmente, a revisão da literatura. Em seguida, temos quatro capítulos:

No primeiro capítulo, língua e conceitos afins, foram introduzidos conceitos operatórios à dissertação. Começamos por introduzir os conceitos de língua, fala e dialecto; língua materna, língua segunda, língua estrangeira e língua oficial. Continuamos com o primeiro capítulo, referenciando outros aspectos pertinentes, o caso da explanação em volta da norma linguística.

Com algum pendor histórico, foram elencados alguns momentos marcantes na história da língua portuguesa, conceitos de variação linguística, bilinguismo, diglossia e política linguística, fizeram parte desse capítulo e, por uma questão de estratégia redactorial, o capítulo termina com a descrição dos tópicos: competência linguística, competência comunicativa e preconceito linguístico.

No segundo capítulo, panorama sociolinguístico do Huambo, descrevemos os dados essenciais da província, visão geral sobre a situação linguística do Huambo, constituição etnolinguística de Angola e o caso específico do Huambo. Nesse ponto, descreve-se a etnia predominante do público visado, ovimbundu e, para uma visão geral, são descritas outras etnias de Angola. Segue-se uma série de abordagens técnicas atinentes ao fenómeno linguístico do Huambo, uma abordagem comparativa entre o português e a língua umbundu.

No terceiro capítulo, metodologia, pela sua característica, introduzimos os pressupostos metodológicos atinentes à dissertação, aspectos como o ponto de partida, tipologia da pesquisa, descrição da população e amostra, critérios de inclusão e exclusão e o esclarecimento das variáveis estudadas.

No quarto capítulo, apresentação e discussão dos resultados, por sinal, o último, apresentámos os resultados obtidos por intermédio do acervo metodológico e, consequentemente, a sua discussão.

A discussão é sustentada por autores e evidências, ou seja, constatações.

Para terminar, apresentamos a conclusão, indicamos algumas recomendações, a bibliografia consultada, apêndices e anexos.

CAPÍTULO I: A LÍNGUA E CONCEITOS AFINS

No presente capítulo, tal como o mesmo espelha, são desenvolvidos alguns aspectos relevantes do trabalho, a apresentação dos principais conceitos, principais reflexões em torno da temática.

1.1. Língua, fala e dialecto

Conceituar a língua não é uma tarefa fácil, dada a existência de várias visões, algumas semelhantes e outras diferentes. Para a presente dissertação, começamos por buscar a visão de Azevedo (2015, p. 6) que, por sinal, considera a língua como "um código que, quando conhecido e partilhado pelos seus falantes, possibilita estabelecer a comunicação e as relações intersubjectivas entre os seus membros".

Da visão exposta pelo autor, compreende-se que a língua é um instrumento basilar no processo de comunicação. A questão é fundamentada por muitos autores, afirmando que ela, a língua, "consiste num sistema gramatical de que se dispõem todos os membros de uma comunidade, o qual lhes permite o exercício da faculdade da linguagem" (Pinto, Neves, & Lopes, 1997, p. 22).

Numa determinada sociedade, cheia de anseios, de acordo com Cunha e Cintra (2014, p. 1), "a língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age." Dos autores citados, pode-se, de alguma forma, entender que a língua não é um mero código, ela transcende a esse conceito, por exemplo, essa ideia é fundamentada por Câmara Jr. (1975) citado por Macêdo (2012, p. 27) "a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...], é o resultado dessa cultura, ou, em sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir".

A fala, por sua vez, de acordo com Borregana (2012, p. 8), "é o uso individual da língua".

Ferdinand Saussure diferencia a língua da fala. A língua, para o autor referenciado, acarreta consigo um carácter colectivo, já a fala, é "um ato individual de vontade e de inteligência" (Saussure, 2010, p. 38).

Quanto ao conceito de dialecto, das várias visões que a ciência da linguagem oferece, Crystal (1988, p. 81) afirma que é "uma variante de uma língua, distinta em termos sociais ou regionais e identificada por um conjunto particular de palavras e estruturas gramaticais". Continuando, o autor referencia o facto de que "dialectos falados costumam também ser associados a uma pronúncia característica, ou sotaque" (Ibidem).

Mateus e Villalva (2006, p. 96) afirmam que o dialecto é a "variedade de uma língua conforme as regiões em que é falada (por exemplo, o dialecto de Lisboa, de Faro, de Évora)". As autoras continuam com a abordagem, sugerindo que "o termo variedade é habitualmente usado em português para designar o conjunto de dialectos de uma língua que se falam num determinado país [por exemplo, o Português Europeu e o Português Brasileiro são duas variedades da língua portuguesa]" (Ibidem).

Com base ao que é explanado, quer por Crystal, quer por Mateus e Villalva, entende-se que a língua é variável, o português falado no Huambo, por exemplo, acarreta consigo algumas particularidades, se comparado ao português falado em outras províncias de Angola.

Os estudos linguísticos andam desenvolvidos, de tal forma que, o dialecto é cientificamente sistematizado, estudado no âmbito da dialectologia e da sociolinguística.

Metodologicamente, de acordo com Aguilera et al (2021, p. 243), a dialectologia "apresenta-se, historicamente, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica."

Macêdo (2012, p. 31) afirma que "o estudo sistemático sobre os dialetos data do século XIX, momento a partir do qual a Dialectologia passa a ser vista como um dos ramos dos estudos da ciência da linguagem."

Uma abordagem que, continuando a analisar a proposta da autora, chega-se a perceber que havia uma necessidade por parte de certos estudiosos. "O interesse pelo estudo dos dialetos surgiu da vontade dos próprios linguistas em registrar e descrever essas diferentes variedades linguísticas regionais e das manifestações da cultura local ou regional" (Macêdo, 2012, p. 31).

Já Borba (1976, p. 31) acrescenta que a dialectologia é "o estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou sociais". Ainda sobre o aspecto conceitual, temos a destacar a visão de Câmara Jr. (1991, p. 94), segundo a qual, a dialectologia é "o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos".

O autor, anteriormente citado, apresenta duas técnicas para o desenvolvimento da dialectologia, nomeadamente, a da geografia linguística e a da descrição de falares.

- A técnica da geografia linguística busca a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialectal, consolidado nos atlas linguísticos;

- A técnica da descrição dos falares por meio de monografias dedicadas a uma dada região compondo gramáticas e glossários regionais.

Além do que foi exposto, sobre a dialectologia, fazendo recurso às autoras Aguilera et al (2021, p. 243):

Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados.

A busca sobre o conceito de dialectologia levou-nos a perceber que não é possível falar dela sem, no entanto, mencionar a sociolinguística. De acordo com Macêdo (2012, p. 31):

Com o surgimento da Sociolinguística, no início da década de 1960, novos redimensionamentos foram dados aos estudos dialetais, uma vez que se consolidou, de modo sistemático, a relação entre o estudo da linguagem e/ou dos dialetos aos outros fatores sociais, tais como: os diagenéricos (gênero), diageracionais (faixa etária), diafásicos (natureza do discurso) e diastráticos (nível social), além da possibilidade de se pesquisar com informantes não apenas das áreas rurais, mas das áreas urbanas e com diversos níveis de escolaridade, e não somente com informantes analfabetos, como outrora se fizeram no início dessas pesquisas no nosso país, sobretudo na área rural.

Para Crystal (1973, p. 304), a sociolinguística estuda "o modo como a linguagem se articula com a sociedade. É o estudo do modo como a estrutura linguística muda em reação às suas diferentes funções sociais e a definição de quais são essas funções".

Já para Macêdo (2012, p. 35), "a sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais".

Os conceitos de dialectologia e sociolinguística, em grande parte, confundem-se. Tal fenómeno não é impropriedade como tal, uma vez que as duas áreas têm o mesmo objecto de estudo, a língua. Percebe-se, ainda, que a dialectologia e a sociolinguística têm uma relação de complementaridade. A dialectologia, antes da sociolinguística como ciência, de acordo com Aguilera et al (2021), estava mais virada para o aspecto "onde se fala", a sociolinguística trouxe um acréscimo, olhar para outros aspectos como traçando o perfil de "quem fala", o que poderá vir a permitir responder a indagações do tipo "por que se fala".

Macêdo (2012, p. 36) acrescenta que a dialectologia:

Utiliza-se do método da Geografia Linguística, de base eminentemente cartográfica, através da qual se elaboram mapas dialetais, também chamados de cartas linguísticas que dependendo do objetivo do trabalho podem ser de carácter lexical (...), fonético, morfológico, sintático, entre outros.

A autora continua afirmando que a sociolinguística, por sua vez, "utiliza-se, especificamente, para a análise da variação e da mudança, do modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação – de base quantitativa – cujo precursor é o linguista William Labov" (Ibidem). A autora enfatiza também o facto de, em suas pesquisas, utilizar o método qualitativo.

1.2. Língua Materna, Língua Segunda, Língua Estrangeira e Língua oficial

O conceito de língua materna (L1), para o contexto angolano, é muitas vezes distorcido, há uma tendência de muitos falantes definirem a mesma como a língua da região, ou seja, a língua dos ancestrais locais. Muitas pessoas, quando questionadas sobre a sua língua materna, na província do Huambo, tendem a mencionar a língua umbundu, mesmo quando não tenham o domínio da mesma. A linguística traz uma ideia diferente da visão popular.

De acordo com Duarte (2000, p. 27), "uma língua natural é língua materna de uma comunidade linguística quando é ela que as crianças nascidas nessa comunidade desenvolvem espontaneamente como resultado do processo de aquisição da linguagem".

Por sua vez, L1, de acordo com Mateus e Villalva (2006, p. 98), "é a língua que se fala em torno de uma criança durante os primeiros anos de vida e através da qual ela adquire o uso da língua". Na mesma ordem de ideias, segundo Gama (2008, p. 10), L1:

É a língua em que, mais ou menos até aos cinco anos de idade, a criança estabelece a sua primeira gramática, que depois vai reestruturando e desenvolvendo em direcção à gramática dos adultos da comunidade em que está inserida.

O conceito de língua segunda (L2) é, várias vezes, associado ao de língua estrangeira (LE), entretanto, são conceitos distintos.

De acordo com Neto (2009), a L2 é entendida como a língua de uma comunidade, adquirida após a língua materna, sobretudo por razões de imigração ou de contexto multilíngue, que é aprendida por falantes a um nível secundário em relação à língua materna dos mesmos.

Para Mateus e Villalva (2006, p. 98), a L2 é a "língua não materna (da maioria) dos falantes de uma determinada sociedade, ou de grupos de imigrantes, usada como meio de escolarização e como língua veicular nas instituições administrativas e oficiais".

A Língua Portuguesa é um exemplo, se olharmos para o facto de que, nos PALOP, mesmo não sendo a língua materna para grande parte da população, é de aplicação quase obrigatória, pelo facto de ser a língua oficial.

Por sua vez, LE é a "língua não materna aprendida no contexto escolar que tem como finalidade ampliar conhecimentos, desenvolver investigação e permitir contactos sociais de carácter internacional" (Mateus & Villalva, 2006, p. 97).

A questão de algumas vezes os dois conceitos serem confundidos, dá-se pelo facto de as duas línguas serem definidas como não-maternas e apresentarem semelhanças no seu processo de aquisição, tal como ilustra Spinassé (2006, p. 5):

A aquisição de uma L2 e a aquisição de uma LE se assemelham no facto de serem desenvolvidas por indivíduos que já possuem habilidades lingüísticas de fala, isto é, por alguém que possui outros pressupostos cognitivos e de organização do pensamento que aqueles usados para a aquisição da L1.

Neto menciona o facto de que "a definição de L2 é susceptível de várias interpretações, de acordo o contexto e/ou espaço social onde essa mesma língua é usada e do seu estatuto político" (Neto C. G., 2009, p. 76). A reflexão de Neto explica a existência de várias visões sobre um mesmo assunto, o que torna a produção científica a respeito cada vez mais diversificada.

Para o conceito de língua oficial (LO), segundo Azeredo, Pinto e Lopes (2014, p. 15), "é a língua usada no contacto de um cidadão com a administração do seu país". De forma mais ampliada, destaca-se a visão de Mateus e Villalva (2006, p. 98), segundo a qual:

Língua oficial – é a língua utilizada na escolarização e nos contactos administrativos, oficiais e internacionais dos elementos de uma sociedade para quem pode ser, ou não, língua materna. Quando essa sociedade é constituída por comunidades ou grupos de pessoas com línguas maternas diferentes, o Estado determina qual a língua (ou línguas) que deve(m) ser considerada(s) língua oficial. São exemplos desta política linguística certos países africanos como Angola e Moçambique que têm o Português como língua oficial ou, na Europa, o Luxemburgo que tem como línguas oficiais o Alemão, o Francês e o Luxemburguês.

Retomando as ideias de Azeredo, Pinto e Lopes (2014), cruzamos com uma particularidade: em países como Portugal ou o Brasil, a LO coincide com a língua

nacional. Noutros, como os países africanos de expressão portuguesa, a LO é diferente das várias línguas nacionais que existem em cada um desses países. Angola, pela sua especificidade, é um exemplo claro a respeito disso.

1.3. Norma linguística

Um ponto de destaque nos estudos linguísticos, sobretudo, na escrita é o conceito de norma linguística. Neste caso, para uma boa compreensão, fomos buscar o seguinte conceito: norma linguística “é a modalidade linguística escolhida por uma sociedade enquanto modelo de comunicação” (Mateus & Cardeira, 2007, p. 80).

De acordo com estas autoras, pode distinguir-se em língua ou norma padrão, norma culta e padrão real.

- Quanto à língua ou norma padrão, resta-nos reter que é o conjunto de regras instituídas na língua, com base em valores linguísticos e socioculturais.
- Por sua vez, a norma culta é o comportamento linguístico dos membros da comunidade com formação escolar e maior prestígio social.
- O padrão real entende-se como a média estatística, composta pelas estruturas mais frequentes na língua.

A autora Duarte (2000, p. 27) traz uma abordagem profunda da Normalização Linguística:

A identidade e a difusão da língua padrão supõem a produção de instrumentos de normalização linguística, cuja função é descrever a estrutura e o léxico dessa variedade, bem como fixar as regras do seu registo escrito: contam-se entre os mais importantes gramáticas, dicionários, tratados de ortografia e prontuários ortográficos.

Quanto à língua portuguesa, de acordo com Duarte (2000, p. 27):

O processo de normalização linguística acompanha o movimento geral ocorrido durante o Renascimento, decorrente da valorização das línguas vernáculas em detrimento do Latim, e fortemente influenciado pela invenção da imprensa, que constituiu uma condição indispensável para o alargamento da comunidade de falantes alfabetizados.

1.3.1. Momentos marcantes na história da Língua Portuguesa

Quanto aos momentos marcantes na história da Língua Portuguesa (LP), de forma resumida, segundo Duarte (2000), destacam-se os seguintes:

- 1536: Publicação da primeira gramática da Língua Portuguesa, de Fernão de Oliveira, obra que fornece indicações preciosas sobre o Português quinhentista e que foi caracterizada pelo autor como a <primeira anotação da língua portuguesa>;
- 1539: Publicação da Cartinha para Aprender a Ler, de João de Barros;
- 1540: Publicação da Gramática da Língua Portuguesa, que inclui o Diálogo em Louvor da nossa Linguagem;
- Em 1562-63, Jerónimo Cardoso publica o primeiro dicionário da língua portuguesa, com entradas ordenadas alfabeticamente (de a a zurro), o *Dictionarium ex Lusitano in Latinum Sermonem*;
- Em 1574 Pêro Magalhães Gândavo publica o Diálogo em Defesa da Língua Portuguesa;
- 1576, a Orthografia da Língua Portuguesa de Duarte Nunes de Lião.

1.4. A noção de variação linguística

Uma questão pertinente a se ter em conta, por uma questão metodológica, é a temática atinente à variação linguística (VL).

De acordo com Dubois (1995, p. 609), "chama-se variação o fenómeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social". Na mesma senda, a variação linguística, de acordo com Mateus e Cardeira (2007), remete-nos a diversos factores, dos quais, uns incidem sobre causas internas (do funcionamento do próprio sistema), e outros incidem sobre causas externas (decorrentes do contacto com outras línguas e com outras culturas).

Ainda, no âmbito dos factores externos, precisamos de descortinar a noção de contacto entre línguas. De acordo com a visão de Azeredo, Pinto e Lopes (2014, p. 34):

O contacto entre línguas acontece quando se verifica uma situação de coexistência de duas ou mais línguas numa mesma comunidade linguística. Desse facto podem resultar efeitos de variação linguística que, em casos extremos, podem levar ao surgimento de novas línguas (crioulos) ou ao desaparecimento de uma língua materna por imposição de uma língua dominante.

A variação linguística (VL) é entendida como uma característica distintiva das línguas, com ênfase às línguas naturais. Corroborando com Cunha e Cintra (2014, p. 4), "a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc."

A VL, de acordo com alguns gramaticistas, dos quais destacamos Pinto, Neves e Lopes (1997), pode ser: histórica ou diacrônica; geográfica ou diatópica; sociocultural ou diastrática; diafásica ou estilística.

A variação histórica ou diacrónica, a contar, novamente, com os préstimos de Pinto, Neves e Lopes (1997), entende-se como a alteração que uma determinada língua tem ao longo do tempo.

A visão dos autores, de forma simples, leva-nos a verificar o fenómeno recorrente entre o português escrito e falado de hoje e o de épocas passadas, a existência de várias diferenças. Metodologicamente, como afirma Dubois (1995, p. 609), "a variação diacrónica da língua dá lugar aos diversos trabalhos de gramática histórica".

A variação diatópica, por sua vez, está relacionada às diferenças que uma determinada língua acarreta na sua realização em função do espaço geográfico. Por exemplo, é notável a existência de variações entre o português falado em Angola e o falado em Moçambique, o português falado em Portugal e o falado no Brasil, etc.

Recorrendo a Dubois (1995), ressalta-se que a variação no espaço fornece seu objectivo à geografia linguística e à dialectologia no sentido corrente do termo.

A variação diastrática tem a ver com a classe social e cultural a que o indivíduo pertence, a idade e o género (sexo). Os aspectos mencionados influenciam, significativamente, no modo de falar do indivíduo.

Sobre a variação diafásica, de acordo com Pinto, Neves e Lopes (1997), destaca-se que cada falante adequa a língua à situação de comunicação. Vale realçar que essa adequação é, geralmente, designada por registos de língua que, da recolha bibliográfica feita, como uma tentativa de ordenar de forma cronológica, Florido e Silva (1986), Borregana (2012), Garcia e Reis (2016), fazem alusões que, de forma interpretativa, levam-nos a perceber que existem os seguintes registos:

- Língua cuidada que, na sua génese, recorre à expressão bem elaborada, à perfeição estrutural e precisão vocabular;
- Língua corrente: à que usa termos e estruturas correntes de acordo com a norma ou padrão; língua familiar: usada nas relações diárias, entre amigos ou parentes, com vocabulário pouco rigoroso;
- Língua popular: que revela despreocupação nas construções sintácticas e na correcção do vocabulário; é marcadamente oral e espontânea. Pode surgir como: regionalismos¹, gíria² e calão³;
- Língua técnico-científica: a língua que recorre a termos técnicos e/ou científicos. De forma metodológica, vale espelhar uma possível distinção entre

¹ Expressões ou falares típicos da população de diferentes regiões.

² Expressões ou falares característicos de certos grupos profissionais e sociais: médicos, juristas, desportistas, professores, etc.

³ Expressões ou formas marginais, falares obscenos. Hodiernamente, é visível a interferência do calão na linguagem familiar.

- os elementos compostos: a língua técnica está mais ligada à terminologia de ramos técnicos; a língua científica recorre a palavras que se usam para designar conceitos puros, lógicos e operatórios ou para permitir reflexões científicas;
- Língua literária: registo linguístico empregado, sobretudo, na literatura. Envolve figuras de estilo para criar ambientes emotivos e poéticos.

1.5. Bilinguismo, Diglossia e Política Linguística

Millena de Sena (2022) procurou discutir sobre o conceito de bilinguismo em vários ângulos, fez uma referência a Leonard Bloomfield que, no ano de 1993, definira o bilinguismo como resultado da adição de um conhecimento perfeito de uma língua estrangeira, equivalente à do nativo. Continuando, "considerava-se, assim, bilingue somente o indivíduo que possuísse um conhecimento pleno da língua estrangeira assimilada" (Sena, 2022, p. 27).

A autora trouxe duas perspectivas, uma mais antiga, a de Macnamara (1969), a outra, por sua vez, mais recente, a de Grosjean (1994).

Na primeira perspectiva, define-se o indivíduo bilingue como alguém que tenha a mínima competência em uma das quatro habilidades acarretadas por uma língua: ouvir, falar, ler e escrever.

Na segunda perspectiva, o bilingue seria tanto um falante que utiliza a língua com dificuldades, quanto um falante fluente da língua.

Sobre o bilinguismo, de acordo com Mateus e Villalva (2006, p. 95) "é a capacidade de comunicar e de se expressar em duas línguas diferentes, resultante de um contacto frequente com essas duas línguas".

De modo geral, estamos diante de um indivíduo bilingue quando o mesmo, dentro de uma comunidade, utiliza duas línguas para se comunicar com os outros, uma perspectiva considerada como bilinguismo individual⁴. Existe o bilinguismo de uma comunidade, o que recebe o nome de bilinguismo social⁵.

Já a diglossia, por sua vez, de acordo com Cruz (2013, p. 79):

É ditada pelo contexto sociolinguístico de um determinado país no qual se verifica a presença e uso (embora com diferentes estatutos) de várias línguas. É uma situação frequente e estudada em diversos países da Europa, por

⁴ Quando alguém sabe ou fala uma língua numa determinada comunidade, a título de exemplo, português e umbundu.

⁵ Quando o fenómeno é abrangente, ou seja, quando indivíduos de uma determinada comunidade podem se expressar em duas línguas.

exemplo, mas não tanto em África e, menos ainda, em países da África Lusófona.

Numa outra perspectiva, a de Crystal (1988, p. 83), diglossia “é um termo usado na sociolinguística para indicar uma situação em que duas variantes muito diferentes de uma língua co-ocorrem na comunidade de fala, cada uma delas com uma função social distinta”.

Dubois (1978, p. 190) acrescenta que “dá-se, de maneira geral, o nome de diglossia à situação de bilinguismo; o sentido da situação bilíngue, na qual uma das duas línguas é de status sociopolítico inferior”.

Por sua vez, a política linguística, na sua génese, configura-se como o corpus sistemático de orientações programáticas, disposições normativas e deliberações institucionais emanadas de órgãos de autoridade legítima, sobretudo em esferas governamentais ou administrativas. Trata-se de um instrumento de gestão sociolinguística, mediante o qual se define o estatuto funcional das línguas.

1.6. Competência Linguística e Competência Comunicativa

A competência, de modo geral, é a exposição de habilidades, capacidade de resolver determinadas actividades. Por exemplo, um indivíduo que lê é considerado como alguém munido de competência literária. Competência é um termo aplicado em muitos campos do saber, pode ser aplicado nas ciências empresariais, ciências médicas, ciências jurídicas e outras áreas.

De acordo com Henriques (2017), referenciando Chomsky (1965), o conceito de competência linguística (CL) surge para se referir à aptidão que os falantes de uma língua têm para produzir e compreender um número ilimitado de frases inéditas. A autora continua com a abordagem de Chomsky, quando transparece a ideia segundo a qual, a teoria linguística divide-se em duas partes: a competência linguística, relacionada com o conhecimento tácito da estrutura da língua (conhecimento geralmente não consciente) e a actuação linguística, mais explicitamente centrada nos processos de codificação e decodificação.

De forma metodológica, a CL, segundo Nascimento e Pinto (2006, p. 20) “designa o conhecimento da língua, em várias vertentes: sons da língua – fonologia; formação e forma das palavras – morfologia; organização das palavras na frase – sintaxe; identificação da significação – semântica.”

A ideia de Nascimento e Pinto é reforçada pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas-aprendizagem, ensino, avaliação, Conselho da Europa, ou seja, QECR.

De acordo com o QECR (2001, p. 157), os termos acessórios da competência linguística e as suas respectivas definições são:

- a) **Competência lexical:** consiste no conhecimento e na habilidade de utilização do léxico de uma língua. Esta competência compreende elementos lexicais e elementos gramaticais.
- b) **Competência semântica:** relaciona-se à consciência e ao controlo que o aprendente possui sobre a organização do significado. A semântica trata das questões referentes à aceção das palavras, das categorias, das estruturas e processos gramaticais.
- c) **Competência gramatical** (morfossintática): tem a ver com o conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade para os utilizar, ou seja, a capacidade para entender e expressar significado, através da elaboração e do reconhecimento de frases e expressões bem construídas.
- d) **Competência fonológica:** envolve o conhecimento e a capacidade de percepção e de construção das unidades fonológicas da língua e da sua realização em contextos específicos, dos traços fonéticos que distinguem os fonemas, da composição fonética das palavras, da fonética da frase, da redução fonética e da elisão.
- e) **Competência ortográfica:** relaciona-se ao conhecimento e a capacidade de percepção e produção dos símbolos com os quais se compõem os textos escritos. Tendo os utilizadores capacidades de perceber e produzir textos escritos com ortografia correcta, com uso dos sinais de pontuação.
- f) **Competência ortoépica:** está relacionada com a pronúncia correcta de uma determinada palavra ou expressão. Exige-se aos utilizadores que tenham a capacidade de ler em voz alta um texto, que utilizem no discurso palavras encontradas pela primeira vez na sua forma escrita bem como pronunciá-las corretamente. Exige-se do utilizador a necessidade de conhecer as convenções ortográficas, e ser capaz de consultar um dicionário, pronunciar de forma correta as palavras, conhecer as implicações das formas escritas, especialmente os sinais de pontuação em função do contexto.

Grande parte da busca sobre o conceito de Competência Comunicativa (CC) recai para Hymes, por ser um dos pioneiros na utilização desse conceito. De acordo com Hymes (1995), a CC é a capacidade de o sujeito circular na língua-alvo, de modo adequado e apropriado, de acordo com os diversos contextos de comunicação humana. No mesmo diapasão, a CC, na visão de Nascimento e Pinto (2006, p. 20) “é a capacidade de quem fala ou escreve saber seleccionar as formas linguísticas adequadas ou apropriadas a cada situação: quando falar, sobre que falar, com quem, onde, de que modo”.

CAPÍTULO II: PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO DO HUAMBO

Neste capítulo, a tónica recai para a abordagem de aspectos sociolinguísticos tangentes ao Huambo. Buscou-se apresentar a província, com recurso aos principais aspectos que influenciam, significativamente, para o que traçámos como meta.

2.1. Huambo: dados essenciais

Numa perspectiva histórica, em função de visitas feitas ao portal da UCCLA, ao portal oficial do governo de Angola, a cidade do Huambo foi fundada em 21 de agosto de 1912, pelo Alto-comissário, General Norton de Matos. Foi denominada por Nova Lisboa em 1928, recuperou o nome anterior após a independência, em 1975.

O topónimo Huambo deriva do nome de Wambu Kalunga, fundador do reino de Wambu. A província do Huambo estende-se a sul do Rio Kwanza, na zona do Planalto Central, onde se ergue o Morro do Moco (2620 metros de altura), o ponto mais alto da província e do país.

Na mesma senda, de acordo com dados disponíveis no Portal do Governo Provincial e Plano Provincial de Desenvolvimento Sanitário (PPDS) 2013-2017, o Huambo é uma das 18 províncias de Angola, a capital provincial tem o mesmo nome. A província tem os seguintes limites geográficos: Cuanza-Sul (na zona Norte), Bié (na zona Este), Huíla (na zona Sul) e Benguela (na zona Oeste).

A província do Huambo já foi considerada como um polo de desenvolvimento económico, industrial e agropecuário e, na mesma ordem de ideias, um centro de excelência no domínio académico.

O Huambo é uma província em constante crescimento, em 2014, os dados definitivos do censo populacional, publicados em 2016, pelo Instituto Nacional de Estatística, apontavam para 2.019.555 habitantes.

Num passado não muito distante, em 2018, os dados do INE apontavam para 2.309.829 habitantes, um número que tende a crescer cada vez mais. De acordo com os dados do INE, publicados em 2016, a projecção apontava para 2024, ano actual, 2.830.415 habitantes⁶.

Os números citados fazem do Huambo a quarta província mais populosa de Angola. Os habitantes nativos do Huambo pertencem à etnia ovimbundu, um grupo

⁶ INE – Instituto Nacional de Estatística (2016)

predominante em outras províncias de Angola, o caso do Bié, de Benguela, Cuanza Sul e Huíla.

De forma metodológica, segue-se o mapa de Angola ilustrando a província do Huambo.

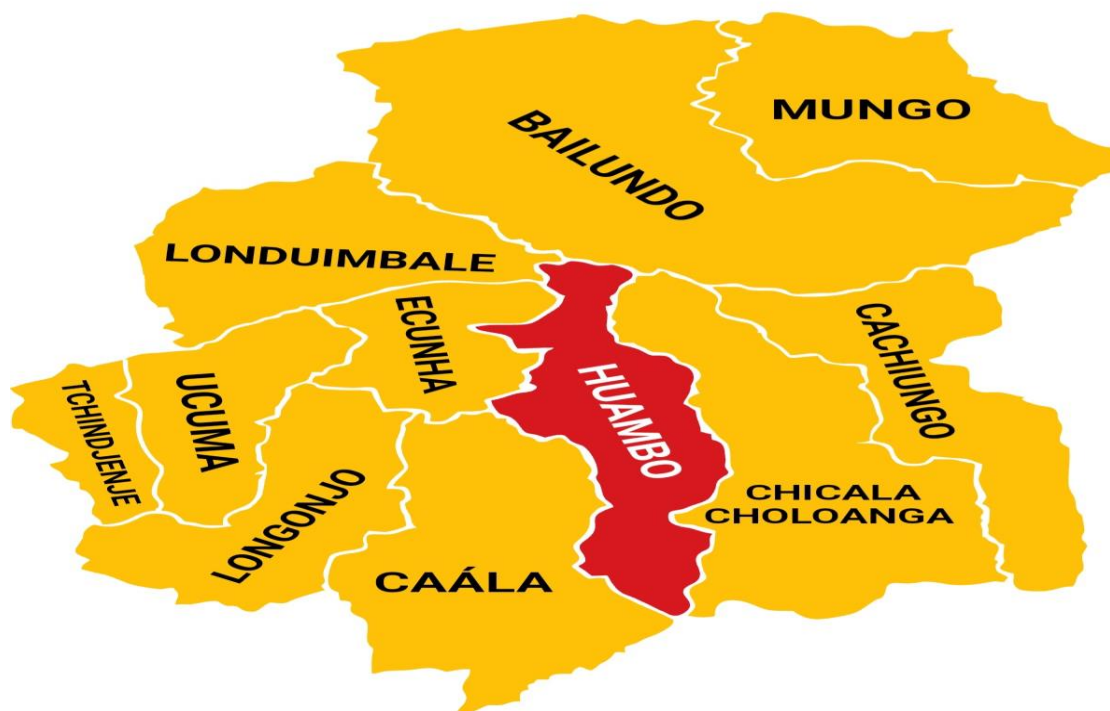
Figura 1: Localização geográfica da província do Huambo



Fonte: (Plano Provincial de Desenvolvimento Sanitário (PMDS) 2013-2017, 2015)

O Huambo é uma província dividida em 11 municípios, os mesmos são designados por: Bailundo, Caála, Ecuinha, Ucuma, Mungo, Cachiungo, Huambo, Chinjenje, Longonjo, Longuimbali e Chicala Choloanga. Segue-se o mapa ilustrado:

Figura 2: Mapa da província do Huambo



Fonte: Portal Oficial do Governo de Angola – Huambo

A Província do Huambo possui uma área de 35.771,15 km² correspondendo a 2,87% da superfície de Angola.

De acordo com Cruz (2013), Huambo, sendo uma das províncias menos extensas de Angola, é, paradoxalmente, uma das mais densamente povoadas.

Cruz continua com a abordagem, ilustrando que, antes da independência, o Huambo era a segunda província mais populosa, caracterizando-se, então, pelo elevado número de trabalhadores (contratados) que se deslocavam para as mais diversas áreas e actividades (piscatórias e agrícolas, entre outras) em todo o território angolano e mesmo para o exterior – quer para países vizinhos de Angola, quer para outros territórios colonizados por Portugal, sobretudo para as roças do cacau, em S. Tomé e Príncipe.

Actualmente, já não é a segunda província mais populosa, é a quarta, tal como já referenciamos.

Voltando para a abordagem de Cruz, é possível reter que após a independência, seguiram-se conflitos internos, afectando quase todo o país. Essa situação desencadeou um elevado desmembramento das suas estruturas físicas, ou seja, edifícios como escolas, igrejas, campos desportivos, o que influenciou no processo migratório de habitantes.

O Huambo, enquanto província, sofreu constantes transfusões populacionais, tendo em conta as alterações de controlo territorial. De realçar que, esse controlo territorial, refere-se à UNITA e ao MPLA que, na altura, alternavam a ocupação da província. Em 2002, com a morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA, o que culminou com o acordo de Luena, a paz renasceu no Huambo, o que gerou uma nova fase de progresso.

2.2. Visão geral sobre a situação linguística do Huambo

Angola, enquanto país, configura-se como plurilingue, ou seja, além do português, língua oficial, temos outras línguas presentes, sobretudo as línguas de matriz local.

De acordo com Mingas (2000), em Angola, existem línguas pertencentes à família linguística bantu e outras à família não-bantu. Quanto as línguas pertencentes à família não bantu, temos a destacar a língua portuguesa, uma língua neolatina e a língua khoisan, uma língua africana.

As línguas africanas, de acordo com Chicuna (2018), apoiando-se nas ideias de Greemberg (1963) - são divididas em famílias e subfamílias. Em síntese, as famílias e subfamílias das línguas africanas são:

- **Família Afro-Asiática** (subfamílias: integra as línguas berberes do norte da África, as cushítica da Etiópia e da Somália, as semitas, incluindo o hebreu, o árabe e o aramaico);
- **Família Nilo-Sahariana** (subfamílias: Songhai, Chari-Nilo, sudanês, sahariano, fur, koman);
- **Família Congo-Cordofaniana** (subfamília: Níger-Congo e Cordofaniana). Na subfamília Níger-Congo, engloba numerosos grupos predominantes para sul do Sara, onde podemos destacar os bantu, a sul do Equador;
- **Família Khoisan** (subfamílias: Khoi, San, Sandaw, Iraqw, Hatsa ou Hadza). Fazem parte da família Khoisan as línguas dos pigmeus da floresta tropical do Congo Democrático e línguas faladas com cliques pelos povos kung, vulgarmente

conhecidos como hotentotes, bosquímanos ou ainda como mukankala, em Angola.

Em função da classificação de Greemberg, "as línguas bantu pertencem à subfamília Níger- -Congo da família Congo-Cordofaniana" (Chicuna, 2018, p. 26).

Em síntese, temos o mapa ilustrativo das línguas africanas.

Figura 3: Mapa ilustrativo das famílias linguísticas de África



Fonte: Béria Lima - <http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html>

2.3. Constituição etnolinguística de Angola e o caso específico do Huambo

Angola é um país situado na África austral, ocupa uma extensão de 1.246.700 km². Quanto à questão de limites, com as seguintes zonas fronteiriças: ao norte faz fronteira com a República do Congo e a República Democrática do Congo, ao sul, com a República da Namíbia, ao leste, com a República da Zâmbia, a oeste, com o oceano atlântico. O país é administrativamente constituído por 18 província, nomeadamente: Cuanza-Norte, Cuanza-Sul, Malanje, Uíge, Bengo, Namibe, Zaire, Huambo, Benguela, Huíla, Cunene, Moxico, Lunda-Sul, Lunda-Norte, Cabinda, Bié, Cuando-Cubango e Luanda que, por sinal, é a capital.

Os principais grupos étnicos de Angola são de origem bantu. Para o nosso trabalho, o enfoque populacional é o povo bantu. Teresa da Silva Neto, na sua obra “História da Educação e Cultura de Angola”, afirma que:

Estima-se que o povo bantu, de Angola, seja constituído de noventa a cem grupos étnicos, entre os quais se destacam, pela sua importância na formação da população angolana os seguintes: Bakongo, Ambundu, Ovimbundu, Lunda-Tchôkue, Nganguela, Nhaneca – Humbe, Ovambu, Herero, Ndonga (Neto T. d., 2014, p. 31).

Em função da afirmação anteriormente exposta e outras fontes credíveis, fizemos a seguinte descrição:

2.3.1. Os Ovimbundu

É, segundo dados cientificamente provados, o principal grupo étnico de Angola. Segundo Neto (2014, p. 34), “os ovimbundu eram temidos durante muito tempo pelos seus vizinhos por causa das suas incursões de intuitos escravocratas”.

Do ponto de vista geográfico, os ovimbundu encontram-se no centro-sul do país, nomeadamente: Huambo, Bié, Benguela, parte da Huíla e parte do Kwanza Sul; constituem o maior grupo étnico de Angola, a sua língua, o umbundu, é, por conseguinte, a segunda língua mais falada em Angola (a seguir ao português). A sua hegemonia numérica pode ser espelhada pelo facto desse grupo englobar vários povos com traços semelhantes: “Mbalundu, Vyeno, Sele, Sumbi, Mbwi, Kacisanje, Lumbu, Ndombe, Mwanya, Nganda, Sambu, Kakonda, Cikuma, Wambu” (Silva, 2020).

De acordo com Silva, baseando-se em Fernandes e Ntongo (2002)⁷; Mingas (2007)⁸ e Inverno (2008)⁹, a língua umbundu, língua dos ovimbundu:

Faz fronteira a leste com a língua cokwe (província do Moxico); a norte, encontramos a língua kimbundu, (província do Cuanza - Sul), a sul, a língua nhyaneka – humbe e o oshihelelo (na Huíla) e ainda a sudoeste encontramos a língua nganguela, na província do Cuando Cubango (Silva, 2020, p. 63).

⁷ Angola: povos e línguas.

⁸ Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda.

⁹ A transição de Angola para o Português. Uma História Sociolinguística.

A população do Huambo, de acordo com o PPDS – 2013/2017, é maioritariamente composta pelo grupo étnico ovimbundu¹⁰, cuja língua é o umbundu, integrando descendentes de portugueses.

Esse mesmo documento faz referência que: nas comunidades rurais o poder do Estado é exercido pelas autoridades tradicionais, nomeadamente, sobas e seculos¹¹. A organização social e familiar foi desestruturada durante o período de conflito armado e dos que se seguiram ao processo de paz, tendo ambos contribuído para fenómenos de migração interna.

2.3.2. Os Ambundu

O grupo etnolinguístico ambundu representa o segundo maior número da população angolana. Engloba as províncias de Luanda, Bengo, Malanje, Kwanza Norte e Kwanza-Sul. A sua língua é o kimbundu. A língua kimbundu, com base ao estudo feito por Silva (2020), tem algumas variantes que são: holo, ndongo, kambondo, kisama, mbangal, mbolo, minungu, ndembu, ngola ou jinga, ngoya, nkari, ntemo, puna, songo, xinji.

Armindo (2020), tendo como base os dados do censo geral da população realizado em 2014, “a língua kimbundu assim como a língua kikongo ocupam a segunda posição como as mais faladas línguas bantu em Angola, correspondendo a cada uma 8% de falantes” (p. 31).

2.3.3. Os Bakongo

Trata-se do primeiro grupo étnico a ter contacto com os europeus. Encontram-se no Norte, nas províncias do Uíge, do Zaire, de Cabinda e parte do Kwanza-Norte. A sua língua, o kikongo, é das mais faladas em território nacional. De realçar que, segundo algumas constatações, além do kikongo, são destacados outros idiomas como o fyote/ibinda, sobretudo em Cabinda. As variantes da língua kikongo são: “kilinji, kikoci, kikwakongo, kimboma, kinzenge, kihungu, kinsoso, kipaka, kipombo, kisikongo, kisolongo, kisuku, kisundi, kivili, kiwoyo, kiyaka, kiyombe e kizombo” (Silva, 2020, p. 61).

¹⁰ Um dos principais grupos étnicos de Angola, um assunto abordado a seguir.

¹¹ Indivíduos adultos de uma comunidade que, geralmente, pertencem ao Conselho do Soba.

2.3.4. Os Tucokwe

Os tucokwe ou lunda-cokwe estão presentes no leste de Angola: Lunda Norte, Lunda Sul, Moxico e uma parcela do Bié. A sua língua é o cokwe, uma língua com algumas particularidades, tal como Fernandes e Ntongo (2002, p. 42) espelham - "o povo utiliza predominantemente a língua cokwe, que é considerada como uma língua transnacional pelo facto da sua área de difusão estender-se para além das fronteiras nacionais. Ela é falada na República Democrática do Congo e na República da Zâmbia".

2.3.5. Os Nhyaneka-Humbi

Nhyaneka-Humbi é um grupo pouco numeroso, encontra-se em pequenos territórios da Huila, do Cunene afectando, embora em número reduzido, as províncias de Benguela e Namibe. A sua língua é o olunyaneka. Em concordância com os pesquisadores angolanos, tais como: Fernandes e Ntongo (2002), Benvindo (2013) e Silva (2020), as variantes da língua olunyaneka são: handa (cipungu), handa (mupa), hinga, nkhumbi, muila, ngambwe, ocilenge humbi, ocilenge musó, ocipungu, onkwakwa ndongwena.

2.3.6. Os Ovahelelo

O grupo étnico ovahelelo encontra-se no sudoeste de Angola, com maior predominância nas províncias da Huíla e do Namibe. A sua língua é o oshihelelo. Segundo Armindo (2020, p. 31), "são os mais conservadores de Angola (...), atualmente, em Angola, são conhecidos por mumwila os da província da Huíla e por mukubaji, os herero da província do Namibe".

2.3.7. Os Ovambo

Os ovambo encontram-se instalados no extremo sul de Angola, com maior incidência no Cunene. A sua língua é o oshivambo, uma língua africana relevante na Namíbia. No nosso país, esta língua é, geralmente, falada na forma dos dialectos próprios dos diferentes subgrupos.

2.3.8. Os Vangangela

De acordo com Chivinga (2014), os vangangela predominam no Leste, no centro e no Sul. A sua língua principal é o ngangela. A partir das abordagens de Fernandes e Ntongo (2002), entende-se que o povo utiliza para a sua comunicação a língua ngangela,

que é falada nas províncias do Cuando Cubango, na parte do sudoeste da província do Moxico e da província do Uíge, na parte leste da província da Huíla. O ngangela tem ramificações na República da Zâmbia, onde algumas das suas variantes são faladas pelas populações locais. A este título, é tida também como uma língua transnacional.

2.3.9. Os Ovakwanyama

É um grupo que se encontra localizado na parte sul de Angola. A língua deste povo é o oshikwanyama, “que é falada na província do Cunene, situada no sudoeste de Angola. Esta língua tem uma influência notável no norte da Namíbia, onde é tida como uma das línguas maioritárias com uma implantação importante” (Fernandes & Ntongo, 2002, p. 53). Em síntese, apresenta-se o mapa etnolinguístico.

Figura 4: Mapa etnolinguístico de Angola



Fonte: Fernandes e Ntongo (2002)

2.4. O estatuto do português em Angola, o caso do Huambo

Segundo Chicuna (2018, p. 38), "o Português é língua materna para uma minoria da população e língua segunda para a maioria da população". Entretanto, se o indicador fosse apenas a zona urbana, a apreciação seria outra, uma vez que, nas grandes cidades, há uma maioria de indivíduos cuja língua materna é o português.

Do ponto de vista estatutário, a posição de maior prestígio é a de língua oficial, como ilustra Chicuna (2018):

O Português é a única língua oficial e, por conseguinte, é utilizada em toda a Administração Pública. É língua de escolaridade porque é a língua usada no sistema educacional, como meio de ensino, em todos os níveis, e como matéria, com carácter obrigatório, até ao Ensino Médio e Pré-universitário, equivalentes ao Ensino Secundário Português (Ibidem).

Na Constituição da República de Angola (CRA), no seu artigo 19º, na alínea 1, temos essa confirmação: - A língua oficial da República de Angola é o português.

De acordo com Domingos Nzau, no nosso país, a língua portuguesa acarreta distintas funções. Entretanto, vamos, com recurso a Nzau (2011) e Grós (2020), apresentar três: função comunicativa, função democratizadora e função identificadora.

Quanto à função comunicativa, entende-se, a partir de uma das suas acepções, que sendo um código adoptado por determinadas comunidades com intenções comunicativas, a língua portuguesa tem servido de impulso para o efeito. "A língua portuguesa é usada para exercer, além de outras funções, a função de ser o principal veículo de informação" (Nzau, 2011, p. 91). O autor não fica por aí, acrescenta que:

No exercício da função comunicativa, a língua portuguesa pode ser considerada como directória de comunicação nacional. Nesta óptica, ela é uma peça-chave num puzzle linguístico tecido também com várias línguas interétnicas, contribuindo para a consolidação da unidade nacional, e para assegurar a intercompreensão entre comunidades de línguas maternas diferentes. Podem derivar desta função outras entre as quais a de língua veicular e língua de unidade nacional, pois ao assegurar a intercompreensão entre comunidades de línguas maternas diferentes, permite, simultaneamente, a diluição de clivagens provocadas pelas diferenças linguísticas.

Quanto à função democratizadora, de Nzau (2011, p. 92) depreende-se que, para Angola, a língua portuguesa acarreta esse pendor democratizador. Na acepção que faz sobre o assunto, destaca-se a ideia segundo a qual:

Função democratizadora só pode ser exercida com plenitude se, e só se, a sociedade for democrática e os líderes políticos, verdadeiros democratas. Para nós, o português é, no quadro linguístico angolano, a língua que mais transporta o espírito de proximidade entre as populações, podendo contribuir na redução de tensões sociais entre elas.

De acordo com Grós (2020, p. 34), a função democratizadora "ajuda a fomentar o espírito de democracia, e funciona de modo a imprimir celeridade na conciliação democrática, uma vez que, é por força da história um traço presente na cultura dessa língua". Com o argumento mencionado, entende-se que a língua é um activo no processo de democratização de qualquer sociedade. Para o caso da língua portuguesa, no contexto angolano, segundo Grós:

É a única que reúne condições de ser a língua da diplomacia, ou seja, a língua não só das cimeiras entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), como também entre cada um deles e outros países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), ou outras instituições internacionais (ibidem)

Numa perspectiva comparativa, as línguas angolanas, na visão de Nzau, não trazem essa democratização, quando o mesmo afirma que: "quanto às línguas nacionais de origem africana, se não rejeitam, apresentam, pelo menos, um códex que, fruto de um certo apego à etnia, pode concorrer para desacelerar a implementação da democracia, embora esta tolere a diversidade.

Para a função identificadora, depreende-se que uma das funções da língua é a mencionada, entretanto, as línguas não têm tal efeito na mesma proporção. Nzau (2011) e Grós (2020) transmitem ideias convergentes. Delas é possível reter que todas as línguas trazem tal característica, por exemplo, se um indivíduo usa o kimbundu para se comunicar, espelha, automaticamente, a cultura ambundu. Para o caso em concreto, em função das abordagens dos dois autores, a língua portuguesa traz esse pendor identificador numa perspectiva mais ampla. Um indivíduo que se comunica em português, independentemente do país, dá a entender que é lusófono ou conhece parte da cultura lusófona, uma vez que a língua é um produto cultural.

2.5. Língua umbundu e a língua portuguesa

2.5.1. Resenha histórica da língua umbundu

De acordo com o Padre Malumbu (2007), no âmbito da componente histórica da língua umbundu, apresenta-nos o argumento segundo o qual existem vários símbolos de

escrita primitiva umbundu que foram e continuam a ser encontrados em repertórios arqueológicos de cavernas rupestres, sendo as mais conhecidas as de Kaniñgili, na confluência entre o Bailundo e o Mungo e que remontam a milhares de anos a.C. O autor continua com a abordagem, espelhando que "esses símbolos continuam a ser encontrados, ainda hoje, em vasos de argila e cabaças, exprimindo em artes plásticas os elementos fundamentais da Cultura dos Ovimbundu e da sua língua" (Ibidem, p. 29).

Uma questão notável nas línguas africanas é, na visão de muitos autores, a adopção de outros sistemas gráficos para a escrita nessas mesmas línguas. O Padre Malumbu também faz alusão a esse fenómeno: "a escrita umbundu dos nossos tempos serve-se dos símbolos das línguas latinas, ao mesmo tempo que para a leitura e a oralidade recorre à fonética das línguas bantu, das quais o Umbundu faz parte e com as quais tem grande afinidade"(Ibidem).

Na mesma linha de pesquisa, acrescenta-se a visão de Costa (2015, p. 20):

Quer os proto-ovimbundu, (os primeiros ovimbundu), quer os pesquisadores da Língua Umbundu, não foram sistemáticos no desenvolvimento desses símbolos, de forma a constituírem uma tradição, através da qual se pudesse fundamentar uma escrita e que passasse facilmente de geração em geração.

2.5.2. O estatuto da língua umbundu

No capítulo anterior, no ponto 2.4, abordou-se sobre o estatuto do português em Angola, o caso específico da província do Huambo. No ponto presente, a tónica recai ao estatuto da língua umbundu.

A CRA, no seu artigo 19º, alínea 2, diz o seguinte:

- O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.

A alínea 2 do artigo 19º é um dado adicional à alínea 1 do mesmo artigo que torna a língua portuguesa única no que diz respeito à oficialização. A valorização mencionada no nº 2 do artigo 19º não é, portanto, um estatuto que eleva a uma possível oficialização, tal como pode ser lido em Costa (2015, p. 24), "porém essa chamada de atenção para tal valorização, não lhes concede, de imediato, o estatuto de línguas oficiais a par do Português. Esse é apenas o privilégio do Português".

Segundo Fernandes e Ntondo (2002, p. 18), "as línguas Bantu e não Bantu, consideradas nacionais, não gozam de qualquer estatuto definido". A ideia, se terminasse nesse ponto, talvez mencionaríamos um certo radicalismo, entretanto, os autores

continuam com a abordagem, fazendo entender que as línguas consideradas nacionais servem "somente de línguas de comunicação a micro-nível, isto é, entre membros de um mesmo grupo etnolinguístico ou de uma determinada comunidade linguística" (Ibidem).

2.5.3. Características da língua umbundu

Para o presente ponto, em termos bibliográficos, servimo-nos de Valente (1964), Fernandes e Ntongo (2002), Malumbu (2007) e Benvindo (2016).

De acordo com Benvindo (2016, p. 46), "a língua umbundu é uma língua aglutinante que apresenta características que lhe são próprias".

Com base aos autores elencados no princípio, vamos fazer uma síntese sobre a língua umbundu. De realçar que, uma vez que a língua em discussão é de origem bantu, algumas exposições serão genéricas, abarcando outras línguas da mesma origem.

- As LB apresentam um sistema de classes, caracterizado por vários prefixos nominais, que indicam o singular e o plural. Cada classe tem um número.
- A utilização de tons no interior de um mesmo significante permite opor duas unidades na maioria das LB. O tom imprime uma variação às unidades lexicais, resultando daí um sentido diferente, mas num mesmo contexto fonético.
- O sistema vocálico é simétrico: comporta uma vogal central [a], duas vogais anteriores [i], [ɛ] e duas vogais posteriores [u], [ɔ];
- O sistema consonântico comporta pré-nasais, ou seja, consoantes orais precedidas de consoantes nasais, formando grupos indivisíveis;
- Inexistência de determinantes.
- As unidades lexicais começam por vogal ou consoante, mas terminam sempre em vogais; nunca terminam em consoante.

De acordo com Martins (2015) citado por Benvindo (2016, p. 47), "o Umbundu caracteriza-se pela presença de muitas vogais nasais. Como podemos observar nos seguintes exemplos: omolã "criança", omõma "jiboia", okulêla "engordar", uvĩ "feio" etc."

2.5.4. Aspectos fonológicos da língua umbundu

2.5.4.1. O alfabeto da LU

O alfabeto umbundu, diferente do alfabeto português, tem 22 letras ou grafemas. De acordo com Malumbu (2007), pode-se fazer a seguinte ilustração:

Alfabeto umbundu – letras maiúsculas¹²

A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, S, T, U, V, Y, W

Alfabeto umbundu – letras minúsculas

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, s, t, u, v, y, w

A partir do alfabeto expresso, nota-se a ausência de algumas letras: Q, R, X e Z, uma vez que, na língua umbundu, não existem tais letras.

Além das letras descritas, encontramos o som [Ñ], nasalizado, que é uma variante do [N].

Para além dessa descrição sobre os grafemas, existem outras particularidades, tais como: em Umbundu, os sons [f], [h], [k], [l], [m], [n], [p], [s], [t], [v] têm um valor único, representando, cada um deles, um único som.

Já a letra /b/, na escrita e na pronúncia, nunca aparece de forma isolada, mas sim, sempre anteceder a letra /m/, tal como acontece em frases como ombela, Mbambi, mbembwa.

A letra /c/ tem sempre o valor [ʃ], como por exemplo: ocimunu, ocipito.

A letra /d/ nunca aparece sozinha; é sempre anteceder e/ou intermediada por /n/, tal como em: ondonge, ondombwa.

A letra /n/, quer seja nasalizada, quer não seja, também intermedeia ou introduz as letras /g/ e /j/.

Outra particularidade, reside na letra /j/ que, por sinal, pode formar o grupo de letras /dj/, reforçado pela /n/, passando assim para o grupo /ndj/, tal como: ondjila, ondjanga.

A letra /s/, em umbundu, quer esteja no início da palavra ou no meio, tem sempre o mesmo valor [S], diferente do que acontece em LP. De forma elucidativa, temos os seguintes vocábulos: Sapalo, sekulu, osoma.

A letra w é uma consoante e ao mesmo tempo, semivogal, tem o valor sonoro do w inglês, como nas palavras: owiyo¹³, owiki¹⁴.

¹² Retirado de Malumbu (2007, p.36).

¹³ Tradução: futuro.

¹⁴ Tradução: mel.

A letra y é uma consoante e ao mesmo tempo, semivogal, tem o valor sonoro do y inglês, como nas palavras: yayulako¹⁵, kwayela¹⁶.

2.5.4.2. Fonemas vocálicos

Na LU, para além das vogais orais (a, e, i, o, u), existem também as vogais nasais (ã, ê, ã, õ, ã). A LU acaba por ser uma língua única pela nasalização total das vogais e os seus locutores tendem a reproduzir essas características na LP.

Síntese dos fonemas vocálicos

Grau de Abertura	Ponto de Articulação					
	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Orais	Nasais	Orais	nasais	Orais	nasais
1º	I	Ĩ			U	Ũ
2º	E	ẽ			O	Õ
3º			A	Ã		

O quadro, baseado em Benvindo (2016), traz as seguintes informações:

- Vogais anteriores do primeiro grau, de abertura fechada / i /, / ĩ /;
- Vogais do segundo grau, semifechadas / e /, / ẽ /;
- Vogais centrais / a /; / ã / que são do terceiro grau, abertas;
- Vogais posteriores do primeiro grau / u /, / ã /, de abertura fechada;
- Vogais posteriores do segundo grau, semifechadas / o /, / õ /.

2.5.4.3. Fonemas Consonantais da LU

	ponto de articulação			
modo de articulação ↓	labiais	dentais	palatal	Velar
Oclusiva	/ p /	/ t /	/ c /	/ k /
Fricativa	/ f / / v /	/ s /		/ h /
Nasal	/ m /	/ n /	/ ny /	/ ñg /
Lateral		/ l /		
semi-vogal	/ w /		/ y /	
pré-nasal	/ mb /	/ nd /	/ ndj /	/ ng /

¹⁵ Tradução: apressa-te.

¹⁶ Tradução: está claro, está limpo.

Os fonemas consonânticos de acordo com o **ponto de articulação** classificam-se do seguinte modo: 6 fonemas labiais, 5 dentais, 4 palatais e 4 velares.

Segundo o **modo de articulação**, temos os fonemas seguintes: 4 oclusivas, 4 fricativas, 4 nasais, 1 lateral, 2 semivogais, e 4 pré-nasais.

2.6. O fenómeno em torno dos Prefixos da LU

Nº de Classe	Prefixo nominal
1	omu-, u-
1 ^a	Ø-
2	oma-, a-, ova-
2 ^a	va-
3	u-
4	ovi-
5	e-, i-
6	a-, ova-
7	oci-
8	ovi-
9	Ø-
10	olo-
11	olu-
12	oka-
13	otu-
14	u-
15	oku-
Classes locativas	Prefixos locativos
16	ko-, ki-
17	ko-, po-
18	vo-

Repara-se que na LU:

- Os prefixos nominais da classe 1 têm duas variantes: omu- e u- (omo- perante a vogal [o];
- Por sua vez, os prefixos da classe 2 apresentam também duas variantes: oma- e a-.

Em linhas gerais, os prefixos da classe 1 designam os nominais do singular e os da classe 2 designam os nominais do plural, os mesmos estão ligados ao conceito de seres humanos.

Singular		Plural	
Classe 1 omu-/u-		Classe 2 oma-/a-	
LU	LP	LU	LP
omunu	Pessoa	omanu	peessoas
omolã	Criança	omalã	crianças
ukãyi	Mulher	akãyi	mulheres
ufeko	Moça	afeko	moças
ulongisi	Professor	alongisi	professores

De acordo com Ntongo (2006), numa referência feita por Benvindo (2016), os **nominais das classes 1 e 2** que designam o **grau parentesco** têm **prefixo zero** na classe **1_a** no singular.

Singular		Plural	
Classe 1 _a) ø-		Classe 2 _a) va-	
LU	LP	LU	LP
ømandji	irmão	vamandji	irmãos
øpalume	primo	vapalume	primos
øndatembo	sogro	vandatembo	sogros
ønekulu	neto	vanekulu	netos
øpahãyi	tia	vapahãyi	tias
øndombwa	noiva	vandombwa	noivas
øsandombwa	noivo	vasandombwa	noivos

- As **classes 3 e 4** compreendem os nomes de objectos, na sua generalidade, partes do corpo humano, nomes de árvores.

Singular		Plural	
Classe 3; u-		Classe 4; ovi-	
LU	LP	LU	LP
utwe	Cabeça	ovitwe	cabeças
uti	Árvore	oviti	árvores
usongo	Flecha	ovisongo	flechas
ukanda	Carta	ovikanda	cartas
ula“	Cama	ovola	camas

- As **classes 5 e 6** contêm prefixos que reúnem conceitos que agrupam algumas partes do corpo humano, certos objectos, nomes de parentesco; frutas, pequenos animais selvagens; répteis, líquidos e tubérculos.

Singular		Plural	
Classe 5; e –/i -		Classe 6; a –/ova –	
LU	LP	LU	LP
imo	Barriga	ovamo	barrigas
ewe	Pedra	ovawe	pedras
ehondyo	Banana	ahondyo	bananas
etosi	Gota	atosi	gotas

- Nas **classes 7 e 8** reúnem-se os conceitos de alguns nomes dos seres humanos, partes do corpo humano, insectos, animais domésticos, selvagens e aquáticos; alguns tubérculos e objectos diversos.

Singular		Plural	
Classe 7: Oci –		Classe 8: Ovi –	
LU	LP	LU	LP
ocingumba	ladrão	ovingumba	ladrões
ocimbyambyulu	borboleta	ovimbyambyulu	borboletas
ocimbungu	Lobo	ovimbungu	lobos
ocitupi	Bode	ovitupi	bodes

- As **classes 9 e 10** reúnem conceitos de animais domésticos e selvagens, grandes e pequenos, insectos, répteis e algumas aves, partes do corpo humano e alguns nomes dos seres humanos, bem como alguns objectos e líquidos.

Singular		Plural	
Classe 9; Oø-		Classe 10; olo-	
LU	LP	LU	LP
ongwe	Onça	olongwe	onças
ondjila	Pássaro	olondjila	pássaros
ongolo	Joelho	olongolo	joelhos
omango	Cadeira	olomango	cadeira

- As **classes 10 e 11** indicam conceitos de algumas partes do corpo humano, alguns objectos, insectos, frutas e líquidos.

Singular		Plural	
Classe 11: olu –		Classe 10: olo – e 6: a -	
LU	LP	LU	LP
olumati	Costela	olomati	costelas
oluhengo	Ameixa	olohengo	ameixas
oluhamwe	Mosquito	olohamwe	mosquitos

- As **classes 12 e 13** são relativas aos diminutivos que encontramos em todos conceitos dos nominais, indicando, também, nomes próprios ou comuns.

Singular		Plural	
Classe 12: oka-		Classe 13: otu -	
LU	LP	LU	LP
okamolã	criancinha	otumalã	criancinhas
okalenge	gatinho	otulenge	gatinhos
okawe	pedrinha	otuwe	pedrinhas

- Nas **classes 14 e 6**, os prefixos designam conceitos que formam o seu plural, partindo do singular da classe 14 com a classe 6 no plural.

Singular		Plural	
Classe 14; u –		Classe -6; ova –/a –	
LU	LP	LU	LP
ulima	Ano	alima	anos
uveyi	doença	ovoveyi	doenças
uvala	casamento	ovovala	casamentos

- As **classes 15 e 4 ou 6** dizem respeito aos verbo-nominais e reúnem os conceitos que indicam as partes do corpo, o infinitivo dos verbos, os nomes deverbais (cf. Fernandes e Ntongo, 2002, p. 78).

Singular		Plural	
Classe 15; oku-		Classes 4 ovi-, 6 ova-/ 8 ovi-	
LU	LP	LU	LP
okulila	chorar	-----	-----
okwenda	andar	-----	-----
okulya	comer	-----	-----
okulya	comida	ovilya	comidas
okutwi	orelha	ovatwi	orelhas
okwokwo	braço	ovoko	braços
okulu	Pé	ovolu	pés

- Quanto aos prefixos das classes 16, 17 e 18 são locativos. Os prefixos da **classe 16 “ko- / ki-”**, da **classe 17 “ko-/po-”** e os da **classe 18 “vo-”**, são **prefixos locativos**:

- A classe 16 (ko- / ki-) indica superfície.

LU	LP
Elonga likasi komesa .	O prato está sobre a mesa.
Elonga likasi kilu lyomesa.	O prato está em cima da mesa.

- A classe 17 (ko- / po-) indica a direcção.

LU	LP
Ndenda kondjo .	Vou a casa.
Ndikasi ponele yondjo.	Estou ao lado de casa.

- A classe 18 (vo-) indica interioridade.

LU	LP
Ndañgilã vondjo	Entrei em casa.
Ndikasi vondjo	Estou em casa.

2.7. Contacto do português e a língua umbundu

O contacto linguístico, para o caso em concreto, é uma realidade, dada a coexistência das duas línguas na província do Huambo.

Esse contacto gera interferência mútua, entretanto, para o presente trabalho, interessa referenciar a do umbundu no português falado por essa comunidade.

De acordo com Costa (2015, p. 79), "a coabitação do Português com o Umbundu afectou os dois sistemas linguísticos, em vários níveis: fonético, fonológico, morfológico e semântico". A abordagem de Costa em torno do assunto não termina por aí, acrescenta que:

De forma genérica, a interferência é definida como um fenómeno resultante da utilização de estruturas e elementos linguísticos da língua de partida na língua de chegada; mas para além das interferências de tipo morfossintáctico existem também interferências lexicais das quais decorrem, frequentemente, os fenómenos designados de empréstimos.

2.7.1. Interferências fonológicas do Umbundu no Português

A interferência fonológica (IF), em linhas gerais, é a que ocorre no plano oral, ou seja, no âmbito da pronúncia de determinados vocábulos.

De acordo com Viti (2012), Benvindo (2016), na população não escolarizada podemos encontrar os seguintes fenómenos:

- Vogais átonas pouco reduzidas;

- Inserção de uma consoante nasal antes da oclusiva bilabial vozeada [b] e da oclusiva dental vozeada [d]:

Grafia	Pronúncia em contextos de IF da LU na LP
banana	[m'banana]
bola	[m'bola]
bom	[m'bom]
dele	[n'dele]
disse	[n'disse]

- Alternância entre o [r] e o [l] que funcionam como alofones do mesmo fonema:

Grafia	Pronúncia em contextos de IF da LP na LU
rato	[lôtu]
rádio	[lãdju]
erraram	[elãlãw]
saltar	[sartar]
balde	[barde]

De acordo com Viti (2012, p. 28), quanto à consoante [d], destacam-se os seguintes aspectos:

- Quando o [d] ocorre em posição inicial da frase, há uma inserção da consoante nasal, tal como em dele - [n'dele].

- Quando o [d] ocorre na segunda sílaba, não há uma inserção, mas sim uma nasalização da vogal, tal como em rádio - [lãdju].

- Introdução de uma vogal epentética¹⁷ entre duas consoantes:

Grafia	Pronúncia em contextos de IF da LU na LP
ritmo	[ritimu]
flor	[fu'lɔr]
placa	[pilaca]

¹⁷ A vogal epentética ocorre entre duas consoantes não líquidas. De uma forma CC (Consoante-Consoante) passa-se a outra forma CVC (Consoante-Vogal-Consoante).

- Substituição da oclusiva dental não vozeada [t] pela oclusiva dental vozeada [d], assim como da oclusiva bilabial não vozeada [p], pela oclusiva bilabial vozeada [b]:

Grafia	Pronúncia em contextos de IF da LU na LP
entender	[ẽdẽder]
compreender	[kõbriẽder]

Na mesma senda, de acordo com Viti (2012) e Benvindo (2016), na população escolarizada existem algumas diferenças nas interferências, relativamente à não escolarizada. Neste caso, destacam-se as seguintes:

- Realização das consoantes oclusiva bilabial vozeada [b] e oclusiva dental vozeada [d] como no Português Europeu:

banana	[bənənɐ]
bola	[bɔla]
bom	[bõ]
dele	[dili]
balde	[baɫde]
disse	[disi]
banco	[bãku]

- Não substituição da vibrante [r] pela lateral alveolar [l]:

rádio	[ródju]
rato	[rótu]
erraram	[erarãw]

- Manutenção da dental não vozeada [t] e da bilabial não vozeada [p] em palavras como:

entender	[ẽtẽdér]
compreender	[kõpriẽdér]

- Supressão da consoante final do infinitivo dos verbos:

vou comer	- vou comê
não quero fazer	- não quero fazê
vou beber	- vou bebê
vou urinar	- vou uriná

2.7.2. Interferências morfossintáticas do Umbundu no Português

Nesse ponto, apresentamos algumas interferências morfossintáticas da LU na LP. Algumas são recorrentes por parte de pessoas não escolarizadas, outros, por sua vez, são recorrentes até por parte de indivíduos escolarizados.

De realçar que, as interferências morfossintáticas, para a população não escolarizada, fazendo recurso à pesquisa de Viti (2012), podem ser:

- Falta de concordância, suprimindo a consoante final do nome que indica a marca do plural do nome.

Para o presente fenómeno, metodologicamente, a partir de algumas ocorrências, por parte da população não escolarizada, elaborámos as seguintes frases para ilustração:

LP	IM da LU para LP
a) Comprei 5 bananas.	- Comprei 5 banana.
b) A Ariela ofereceu-me duas camisas.	- A Ariela ofereceu-me duas camisa.
c) Vi três crianças.	- Vi três criança.
d) Construí duas casas.	- Construí duas casa.

No ponto em questão, nota-se, nas quatro frases, no âmbito da IM da LU para LP, temos a supressão da consoante final, a letra **s**. O fenómeno é motivado, na maioria dos casos, pela formação do plural das línguas bantu, o caso da língua umbundu, que é feito, essencialmente, por prefixação. Neste caso, os falantes da LU, quando se comunicam em LP, tendem a transportar o fenómeno decorrente na primeira à segunda. Por exemplo, as palavras que formam o elemento diferenciador, banana, camisa, criança e casa formam o plural com a devida distinção.

LP		LU	
Singular	Plural	Singular	Plural
banana	bananas	ehondyo	ahondyo
camisa	camisas	ombinja	olombinja
criança	crianças	omôla	omâla
casa	casas	ondjo	olondjo

A partir de Viti (2012), elencamos os pontos que se seguem e, por outra, por experiência, pelas leituras adicionais feitas a partir de Benvindo (2016) e Armindo (2020), metodologicamente, retomamos e recriamos as frases ilustrativas:

1. Colocação dos pronomes átonos diferente da do PE:

a) A Paula abraçou-me.	- A Paula me abraçou.
b) Ofereceu-me uma caneta.	- Me ofereceu uma caneta.
c) Eu comprei-lhe uma nova mochila.	- Eu lhe comprei uma nova mochila.

2. Construções sintáticas que alteram o sentido da frase:

a) Perdeu-me o telefone.	- Deixei perder o telefone.
b) Faleceu-lhe a criança.	- Deixou falecer a criança.
c) Vamos passar pela via mais rápida.	- Vamos cortar caminho.
d) O problema que temos.	- O problema que estamos com ele.

3. Utilização de uma contracção em vez da preposição a:

a) Vou à praça.	- Vou na praça.
b) Fui à escola.	- Fui na escola.
c) Entreguei o marcador à professora.	- Entreguei o marcador na professora.

4. Emprego de você com a segunda pessoa do singular:

a) Você disse.	- Você disseste.
b) Tu disseste.	- Tu disse.

O ponto em epígrafe é recorrente no Huambo, também é confirmado pelos estudos de Viti (2012) e Benvindo (2016).

2.7.3. Interferências léxico-semânticas

De acordo com Armindo (2020), o português falado em Angola tem particularidades no âmbito lexical. Esta visão é reiterada com o seguinte fundamento: “o português, apesar de assumir a hegemonia linguística nas ex-colónias em África, recebeu inúmeros empréstimos lexicais das línguas bantu” (2020, p. 131). Significa que a influência lexical é mútua, ou seja, o contacto gera influência para as duas línguas ou mais.

De acordo com Crystal (1988), o léxico é entendido como o termo usado na Linguística para caracterizar o vocabulário de uma língua e uma variedade de expressões técnicas. A partir dessa perspectiva, depreende-se que o léxico não é, necessariamente imutável, é renovável. De acordo com Gramandi (1983) apud Armindo (2020, p. 131), “em situação bilingue e plurilingue, a interferência lexical e empréstimos tornam-se recursos possíveis da renovação”.

Para além do léxico, temos também aspectos semânticos, razão pela qual, decidimos unir as interferências lexicais e semânticas, formando o termo híbrido léxico-semântico, na sua versão feminina e no plural, léxico-semânticas. De realçar que, nem sempre o contacto gera aspectos negativos, como é dito, na maioria dos casos, por leigos em matérias linguísticas.

Algumas interferências frequentes no âmbito lexical são:

- **Inserção de termos utilizados na língua umbundu**

LP	Interferência Lexical
Eu não comi.	Eu mba não comi.
Nunca vi algo semelhante.	Nunca vi isso, oko .
O meu pai chegou, que alegria!	O meu pai chegou, wewelekete!

Os termos negritados são utilizados na LU como interjeições e advérbios de modo. Quando são utilizados na construção de enunciados orais em LP, para quem não tem o domínio das particularidades linguísticas locais, considera tais expressões como estranhas. Também, são encontradas construções com aspectos semânticos diferentes, ou seja, alguns significantes passam a ter novos significados.

Mencionamos alguns exemplos:

LP	IL no âmbito semântico
A minha esposa deu à luz.	A minha esposa nasceu.
A Leontina perdeu o caderno.	A Leontina deixou perder o caderno.
O carro passou a noite no pátio.	O carro dormiu no pátio. ¹⁸

¹⁸ Esta expressão é motivada pela tradução automática originária da expressão: **Ekalu liange lialale p'o samwa.**

CAPÍTULO III: METODOLOGIA

3.1. Ponto de partida

A presente dissertação foi redigida no intervalo de janeiro de 2024 a julho do mesmo ano, entretanto, trabalhou-se em alguns aspectos preparatórios desde o mês de fevereiro de 2023. Para se chegar ao produto final, foram cumpridas algumas etapas, as mesmas são:

- Escolha do tema;
- Revisão bibliográfica;
- Análise de pressupostos metodológicos;
- Escolha do campo de acção: população e amostra;
- Aplicação dos instrumentos de colecta de dados.

3.2. Classificação da pesquisa

- Quanto à natureza da pesquisa, estamos diante de uma pesquisa básica.
- Quanto à forma de abordagem do problema, a pesquisa é considerada como qualiquantitativa.
- Quanto aos objectivos, a pesquisa é descritiva.
- Quanto aos procedimentos, é uma pesquisa de campo.
- Quanto à linha de investigação, é uma pesquisa sociolinguística.

Sobre a pesquisa sociolinguística, vale destacar um precursor, com um dos maiores contributos, William Labov que, a partir da obra “Padrões Sociolinguísticos”, estabelece alguns critérios. Por exemplo, a pesquisa sociolinguística, na referência de Labov feita por Coelho et al (2012), acarreta condicionadores para a sua efectivação. Os condicionadores podem ser linguísticos e extralinguísticos.

Para Coelho et al (2012, p. 28), “os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais exatamente são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo”.

Tal como acontece em outros trabalhos de investigação científica, o presente acarreta metodologias divididas em dois ângulos: métodos teóricos ou racionais e métodos empíricos. Quanto aos métodos teóricos ou racionais, foram utilizados os seguintes: indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, histórico-lógico, dialéctico, análise e síntese.

- **O método indutivo**, pela sua natureza, foi útil no presente trabalho quando, em alguns momentos da pesquisa, precisou-se tirar determinadas conclusões. O método em destaque facilitou para fazer a abstracção de fenómenos particulares, dando espaço a generalizações.
- **O Método dedutivo**, por sua vez, foi útil para fazer a abstracção partindo de fenómenos gerais para aspectos particulares.
- **O Método hipotético-dedutivo** foi útil no âmbito da formulação de hipóteses. Durante a nossa abordagem científica, foi necessário levantar algumas hipóteses e, consequentemente, validá-las.
- **O Método histórico-lógico** foi útil na descrição de fenómenos em volta da dissertação, sobretudo nos aspectos redactoriais com alguma referenciação histórica, obedecendo pressupostos atinentes à sequência.
- **O Método dialéctico** foi explorado para aprofundar determinados assuntos. A componente dialéctica, na nossa perspectiva, é crucial, sobretudo quando pretendemos aproximar a pesquisa à realidade ou verdade científica.
- **Análise e síntese.** A **Análise** foi usada na dissolução ou discussão dos dados e a **Síntese** foi usada para a união das representações para se dar o conhecimento.

Por sua vez, os métodos empíricos utilizados são: observação, entrevista, questionário e o método estatístico.

- A **observação**, para o trabalho em questão, foi utilizada para verificar determinados fenómenos linguísticos acarretados pelo público visado. Quanto ao paradigma da observação, foi utilizada a observação directa com o propósito de obtermos uma visão qualitativa e quantitativa da realização fonológica do público-alvo.
- A **entrevista** foi utilizada para dar sustentabilidade à observação. Do ponto de vista procedimental, só a observação, não seria suficiente, neste caso, criou-se uma entrevista guiada, contendo questões capazes de levar o pesquisador a colher informações válidas para uma caracterização linguística. Para o caso, estamos a falar da entrevista sociolinguística. A mesma contou com 10 intervenientes, estudantes com idade, género, naturalidade, residência e perfil linguístico distintos.
- O **questionário** foi um instrumento valioso, utilizou-se no âmbito da obtenção de determinadas informações. Por uma opção metodológica, o questionário foi

dividido em duas partes, na primeira parte, tal como acontece em pesquisas sociolinguísticas, utilizámos o questionário extralinguístico e, por sua vez, na segunda parte, o questionário linguístico.

O **questionário extralinguístico** explora o intervalo de idade, género e a residência.

Já o **questionário linguístico**, por sua vez, explora aspectos como o perfil linguístico e o domínio da língua portuguesa com incidência nos aspectos morfosintácticos, uma vez que os aspectos fonológicos são obtidos a partir da entrevista sociolinguística.

- O **Método estatístico** foi útil para fazer a tabulação dos dados e a discussão dos mesmos.

3.3. População e amostra

A população estudada, tal como fizemos menção no título do trabalho, são os cidadãos naturais e residentes na província do Huambo que, segundo os dados mais recentes do INE, dados actualizados em 2018, conta um número superior a 2.309.829¹⁹ habitantes.

Quanto à selecção da amostra, escolhemos uma parcela da população essencialmente estudantil, estudantes do primeiro ano do Curso de Psicologia do Instituto Superior Politécnico da Caála, naturais da província do Huambo e, consequentemente, residentes na mesma província.

A escolha do Instituto Superior Politécnico da Caála teve duas motivações. A primeira, deve-se pelo facto de, actualmente, ser uma instituição com um número significativo de estudantes na província do Huambo, o que facilita na prossecução de trabalhos com a exigência da componente numérica em termos populacionais. Em segundo lugar, por estar numa zona geográfica privilegiada, a instituição recebe estudantes residentes em todos os municípios que compõem a província.

Pela sua característica, pesquisa sociolinguística, a abordagem é desenvolvida com uma amostra de 80 indivíduos (estudantes). No princípio, pensamos que o número

¹⁹ Preferimos dizer um número superior e não um número taxativo, uma vez que, os dados sofrem sempre alterações, por exemplo, a projecção para 2024, em 2016, já apontava para 2.830.415 habitantes.

seria insignificante, entretanto, percebemos que a pesquisa sociolinguística não precisa de uma amostra tão ampliada, como acontece em outras áreas. Esse argumento, de forma técnica, é defendido por Coelho et al (2012, p. 114):

As pesquisas sociolinguísticas têm mostrado que não há necessidade de amostras tão grandes como as usadas em outras pesquisas de natureza social (de intenções de voto, por exemplo) para se analisarem fenômenos variáveis, uma vez que o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca de outros fatos, em virtude de não estar tão sujeito à manipulação consciente (com a ressalva de que no caso dos estereótipos possa haver algum grau de manipulação consciente).

De acordo com a referenciação feita, entende-se que 80 indivíduos é uma amostra significativa para os resultados almejados, tal como, mais uma vez, Coelho et al (2012, p.114) remetem-nos à visão de que, “numa dada comunidade, resultados obtidos a partir da análise da fala de cerca de 60 informantes serão apenas ratificados em amostras maiores”.

3.4. Elementos de inclusão e exclusão

O nosso trabalho, quanto ao critério de amostragem, é desencadeado pela amostragem não probabilística.

Uma das características da pesquisa sociolinguística é a delimitação de elementos de inclusão e de exclusão. Uma pesquisa, sem essa delimitação, torna-se generalista. Desta feita, para o caso em concreto, temos os seguintes elementos de inclusão:

- **Ser natural da província do Huambo;**
- **Residir na província do Huambo.**

Neste caso, são incluídos os indivíduos naturais da província do Huambo e residentes na mesma província. As duas qualidades são inseparáveis. Na mesma senda, são excluídos os indivíduos que não sejam naturais do Huambo ou residentes na mesma província.

3.5. Variáveis estudadas

- **Variáveis extralinguísticas**

Idade: trabalhou-se com 3 intervalos de idade, a ideia foi de obter resultados de diferentes faixas etárias, uma vez que, a forma de falar, em função da idade, é variável.

Género: pautou-se no equilíbrio do género, entendemos que, uma abordagem equilibrada acaba por trazer vantagens, sobretudo na perspectiva inclusiva. Por outra, no âmbito da variação social, o género é um dos elementos a ser explorado.

Residência: zonas urbana, suburbana e rural.

- **Variáveis linguísticas**

Perfil linguístico: o perfil linguístico do indivíduo pode, de alguma forma, influenciar na sua realização comunicativa. Com a sua identificação, foi possível percebermos esse fenómeno de forma mais pormenorizada.

O perfil linguístico dos indivíduos estudados foi circunscrito tendo em conta o critério utilizado no âmbito dos estudos sociolinguísticos. Procurou-se distinguir os indivíduos em três perfis:

- 1) Monolingue (falante de LP);
- 2) Bilingue (falante de LP e uma LN ou LE);
- 3) Plurilingue (falante de LP e outras línguas: nacionais ou estrangeiras).

3.6. Meios auxiliares de colecta e análise de informação

Quanto a este ponto, para a obtenção dos dados, sobretudo dos aspectos fonológicos, a aplicação da entrevista sociolinguística – foi feita com auxílio do gravador do telemóvel, gravador predefinido e um espaço reservado para anotações na versão escrita da entrevista.

Para a tabulação dos dados, utilizamos a ferramenta de análise de dados que inclui o cálculo de percentagem. De realçar que, essa ferramenta é fundamentada pelo método estatístico. Em síntese, pela natureza do nosso trabalho, o cálculo percentual foi feito com o auxílio de programas da Microsoft, nomeadamente, Microsoft Word 2016 e Microsoft Excel 2016.

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste ponto, a tónica recai à apresentação dos principais resultados, descrição dos aspectos fonológicos e morfossintáticos e, consequentemente, a discussão dos mesmos.

4.1. Dados introdutórios da amostra

No ponto em referência, por uma questão metodológica, apresentamos os resultados dos componentes extralinguístico e do perfil linguístico.

Tabela 1: Ilustração da faixa etária da amostra

Opção		Frequência	%
1	Inferior ou igual a 25 anos	38	47,5
2	26 a 31 anos	10	12,5
3	Igual ou superior a 32 anos	32	40
4	Total	80	100

Os dados apontam maior percentagem, em termos do quesito idade, para o primeiro número de ordem, inferior ou igual a 25 anos, por sua vez, o segundo número de ordem, 26 a 31, é o menos indicado.

Tabela 2: Ilustração do género da amostra

Opção		Frequência	%
1	Masculino	36	45
2	Feminino	44	55
3	Total	80	100

Quanto ao género, o maior número recai para o género feminino, com 55%. Foi um resultado influenciado pelo contexto da pesquisa.

Tabela 3: Ilustração da residência da amostra

Opção		Frequência	%
1	Zona urbana	32	40
2	Zona suburbana	40	50
3	Zona rural	8	10
4	Total	80	100

Para o caso referente à residência, o maior número recai à zona suburbana, com 50%.

Tabela 4: Ilustração da língua materna da amostra

Opção		Frequência	%
1	Português	52	65
2	Umbundu	28	35
3	Outra:	0	0
4	Total	80	100

Os dados indicam que o maior número percentual, 65%, recai ao português. Os mesmos reforçam a ideia segundo a qual, hodiernamente, o português é a língua materna da maioria dos angolanos residentes nas zonas urbana e suburbana.

Tabela 5: Ilustração do domínio linguístico da amostra

Opção		Frequência	%
1	Português	20	25
2	Português e Umbundu	48	60
3	Português e mais línguas angolanas	8	10
4	Português mais uma ou duas língua(s) estrangeiras	4	5
5	Total	80	100

Os dados da tabela 5 indicam maior número percentual à opção número 2, português e umbundu, 60%.

Os dados em causa atestam a natureza actual do Huambo. A população é, maioritariamente, bilingue, falando português e umbundu. Os mesmos dados podem, apesar do contexto de cada uma das pesquisas, ser encontrados nos trabalhos de Cruz (2013) e Benvindo (2016).

Tabela 6: Ilustração da língua falada com maior frequência

Opção		Frequência	%
1	Português	80	100
2	Umbundu	0	0
3	Outra	0	0
4	Total	80	100

A amostra escolhida remeteu-nos à presente escala de dados, que indica o português como a língua falada com maior frequência.

4.2. Caracterização do português falado no Huambo

4.2.1. Aspectos fonológicos

Tal como mencionámos no capítulo anterior, para obtenção dos resultados preliminares dos dados fonológicos, foram entrevistados 10 indivíduos (estudantes), uma sub-amostra retirada de 80 indivíduos (estudantes), amostra da dissertação; a amostra foi seleccionada numa perspectiva de se gerar representatividade.

Após a aplicação do questionário, contendo três partes, nomeadamente: perfil extralinguístico, perfil linguístico e aspectos práticos de morfossintaxe, solicitámos alguns voluntários que, apesar de preencherem já o questionário, aceitaram trocar algumas impressões, por intermédio de uma conversa guiada, o que, tecnicamente, recebe o nome de entrevista sociolinguística.

A partir de 10 voluntários, conseguimos obter:

Quanto ao género, 6 indivíduos do género feminino e 4 do género masculino. Pelo número, foi possível enquadrar o assunto nos três intervalos de idade, de inferior ou igual a 25 anos, de 26 a 31 anos e de igual ou superior a 32 anos. No primeiro intervalo, foram registados 4 indivíduos e, para o segundo intervalo, também 4, no último intervalo, 2 indivíduos. Já para a zona de residência, os dados remeteram-nos para 3 indivíduos da zona urbana, 5 indivíduos da zona suburbana e 2 indivíduos da zona rural.

4.2.2. Métodos utilizados: transcrição ortográfica e transcrição fonética

Após à colecta de dados por via da entrevista sociolinguística, utilizamos, dois métodos de transcrição, a ortográfica e a fonética.

A transcrição ortográfica está relacionada à forma de escrita das palavras, obedecendo as regras ortográficas da língua. Por sua vez, a transcrição fonética está relacionada à representação dos sons da fala de forma mais precisa, explorando sotaques, dialectos e variações de pronúncia.

A transcrição ortográfica foi útil para cruzar o que é dito e o que é recomendável em termos de escrita. Já a transcrição fonética, foi útil para aferir aspectos particulares das palavras resultantes da articulação dos inquiridos. Para o efeito, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional como base. O alfabeto em referência, metodologicamente, pode ser consultado no Anexo D.

Questões observadas durante a entrevista

Do ponto de vista sociolinguístico, denota-se que uma língua é variável, ou seja, varia em diversos aspectos, a componente fonológica não é uma excepção à regra.

Do ponto de vista metodológico, foram elaboradas 5 questões que serviram como linhas orientadoras da entrevista (ver Apêndice A).

Das entrevistas realizadas, devidamente gravadas, foi possível obter os seguintes resultados:

Os resultados obtidos, variam tendo em conta dois critérios: idade e zona de residência.

No caso da idade, os indivíduos mais jovens, do intervalo inferior a 25 anos de idade, 4 dos 10 indivíduos, nas suas respostas, foi possível notar, com alguma frequência, o seguinte fenómeno:

- Apócope: supressão da consoante “r” na formação de frases com verbos no infinitivo, tal como pode ser visto nos casos seleccionados:

Tabela 7: Ilustração do 1º resultado quanto aos aspectos fonológicos

	Pronúncia padronizada	Variante de alguns falantes do Huambo
1	comer	comé
2	falar	falá
3	cozinhar	cozinhá
4	conduzir	conduzí
5	cantar	cantá
6	dançar	dançá
7	viajar	viajá

O fenómeno referenciado pode ser encontrado em construções frásicas como:

- Gosto de comé arroz.
- Não gosto de falá de mim.
- (...) Cozinhá é uma das coisas que mais gosto.
- (...) É prazeroso, muito mesmo, ver uma mulher a conduzí um autocarro.
- Nos meus tempos livres, aproveito cantá, viajá, dança, etc.

Para os intervalos mais avançados de idade, de 26 a 31 anos de idade e de igual ou superior a 32 anos, notou-se o seguinte fenómeno:

- Paragoge: adição da vogal “e” em frases com verbos no infinitivo, tal como pode ser visto na tabela síntese obtida a partir da entrevista sociolinguística.

Tabela 8: Ilustração do 2º resultado quanto aos aspectos fonológicos

	Pronúncia padronizada	Variante de alguns falantes do Huambo
1	comer	comere
2	falar	falare
3	cozinhar	cozinhare
4	conduzir	conduzire
5	cantar	cantare
6	dançar	dançare
7	viajar	viajare

Passamos a referenciar alguns excertos extraídos da entrevista sociolinguística:

- Gosto de comere funje (...).
- Nunca é fácil falare de si próprio (...).
- Gosto de bons pratos, pois sei cozinhare (...)
- Para viagens longas, prefiro conduzire (...).
- Cantare, dançare e viajare são as minhas coisas preferidas.

Outro fenómeno encontrado, sobretudo em indivíduos mais adultos, do intervalo de igual ou superior a 32 anos, em consonância com o indicador residência, com realce às zonas suburbanas e rurais fenómenos detectados em 4 indivíduos dos entrevistados, é:

- Prótese nasal: adição de uma consoante nasal diante de palavras iniciadas pelas consoantes b, d, g, tal como é ilustrado a seguir:
 - (...) Ngosto nde mbanana (...)
 - (...) A mbatata rena é o meu tubérculo favorito.
 - (...) A carne nde ngalinha é saborosa.

Em linhas gerais, esses são os aspectos relevantes que detectamos durante a nossa pesquisa quanto aos aspectos fonológicos.

Vale destacar que, o fenómeno em referência, não transcende à escrita, é exclusivo à oralidade. Dito de outro modo, as pessoas não pronunciam as palavras tal como as escrevem.

De acordo com Chimbinda (2022, p. 195), “na pronúncia de palavras, entram factores como a tonalidade e a entoação”. Como sabemos, a tonalidade e a entoação, em uma determinada língua, podem ser influenciadas por uma outra. Neste caso, entende-se que o fenómeno recorrente é causado pela simbiose entre a língua regional, o umbundu e a língua portuguesa.

Os falantes da língua umbundu, geralmente, encontram-se nessa situação, uma vez que “a língua umbundu é fundamentalmente musical” (Ibidem).

4.2.2 Aspectos Morfossintáticos

Tabela 9: Ilustração das respostas da questão “a” / Aspectos morfossintáticos

	Opção	Frequência	%
1	a.1- Colega tem alguma inquietação?	16	20
2	a.2- Colega, tem alguma inquietação?	64	80
3	Total	80	100

No exercício em questão, as frases colocadas surgem para, de certa forma, identificarmos o grau de compreensão da vírgula, não só como sinal de pontuação, mas como um elemento sintático.

Para a questão, do ponto de vista genérico, a opção correcta, dentro dos padrões gramaticais, a a.2, foi a mais indicada, o que nos levou a aferir que os falantes do Huambo, maioritariamente, na perspectiva da nossa amostra, utilizam correctamente a vírgula na separação do vocativo. Entretanto, o grau percentual não é de 100%, significa que existem algumas lacunas.

Metodologicamente, de forma cruzada, os dados da questão “a” foram distribuídos da seguinte forma:

Tabela 10: Ilustração das respostas da questão "a" quanto à faixa etária

Faixa etária	Opção	Frequência	%
Inferior ou igual a 25 anos	a.1	8	10
Inferior ou igual a 25 anos	a.2	30	37,5
26 a 31 anos	a.1	2	2,5
26 a 31 anos	a.2	8	10
Igual ou superior a 32 anos	a.1	6	7,5
Igual ou superior a 32 anos	a.2	26	32,5

A questão “a”, do ponto de vista da faixa etária, produziu resultados resumidos da seguinte maneira: a questão a.1, gramaticalmente incorrecta, foi dominada pelo primeiro

intervalo, ou seja, inferior ou igual a 25 anos, com 10% dos 20% da escolha global da opção em referência. Já a a.2, gramaticalmente correcta, do ponto de vista da faixa etária, também temos o primeiro intervalo, com 37,5% dos 80% da escolha global da opção.

Tabela 11: Ilustração das respostas da questão "a" quanto ao género

Género	Opção	Frequência	%
Masculino	a.1	7	8,75
Masculino	a.2	29	36,25
Feminino	a.1	9	11,25
Feminino	a.2	35	43,75

Quanto ao factor género, tal como pode ser observado, as duas opções foram dominadas pelo género feminino. A questão pode ser justificada pelo facto de maior número da amostra ser do género feminino.

Tabela 12: Ilustração das respostas da questão "a" quanto à residência

Zona de residência	Opção	Frequência	%
Urbana	a.1	6	7,5
Urbana	a.2	26	32,5
Suburbana	a.1	8	10
Suburbana	a.2	32	40
Rural	a.1	2	2,5
Rural	a.2	6	7,5

O mesmo assunto, visto na perspectiva de residência, a questão a.1 foi mais escolhida pela zona suburbana, 10% dos 20% da escolha global. A zona suburbana também domina na escolha da opção b.2, com 40% dos 80% da escolha global.

Tabela 13: Ilustração das respostas da questão "b"/ Aspectos morfosintácticos

	Opção	Frequência	%
1	b.1- A Ariela tem alguma inquietação.	56	70
2	b.2- A Ariela, tem alguma inquietação.	24	30
3	Total	80	100

Na questão "b", na generalidade, a opção gramaticalmente correcta, a b.1, é a mais escolhida com 70% dos inquiridos. Nas tabelas 14, 15 e 16, a análise é mais detalhada, olhando para o carácter restrito das mesmas tabelas.

A questão foi colocada para explorar o ponto de vista dos inquiridos sobre a utilização da vírgula em frases afirmativas. Em regra, não se separa o sujeito do predicado, tal fenómeno só acontece diante de uma expressão intercalada.

Tabela 14: Ilustração das respostas da questão "b" quanto à faixa etária

Faixa etária	Opção	Frequência	%
Inferior ou igual a 25 anos	b.1	26	32,5
Inferior ou igual a 25 anos	b.2	12	15
26 a 31 anos	b.1	6	7,5
26 a 31 anos	b.2	4	5
Igual ou superior a 32 anos	b.1	24	30
Igual ou superior a 32 anos	b.2	8	10

Do ponto de vista etário, os dados indicam que, em todos os intervalos, o maior número percentual recai ao primeiro intervalo, com 32,5% dos 47,5 possíveis para o intervalo em referência. Segue-se o terceiro intervalo com 30% dos 40% possíveis.

Tabela 15: Ilustração das respostas da questão "b" quanto ao género

Género	Opção	Frequência	%
Masculino	b.1	28	35
Masculino	b.2	8	10
Feminino	b.1	28	35
Feminino	b.2	16	20

Para à questão do género, a questão b.1, a mais indicada, por sinal, a gramaticalmente correcta, é indicada por 35% dos 45% possíveis para o género masculino. O género feminino aparece com a mesma percentagem, indicando a opção b.1 com 35% dos 55% previstos. A variação é registada na opção b.2, tal como pode ser verificável na tabela 15.

Tabela 16: Ilustração das respostas da questão "b" quanto à residência

Zona de residência	Opção	Frequência	%
Urbana	b.1	25	31,25
Urbana	b.2	7	8,75
Suburbana	b.1	29	36,25

Suburbana	b.2	11	13,75
Rural	b.1	6	7,5
Rural	b.2	2	2,5

Sobre a zona de residência, a opção b.1 tem maior predominância na zona suburbana, com o número percentual de 36,25% dos 50% possíveis, seguindo-se a zona urbana, com 31,25% dos 40% possíveis.

Tabela 17: Ilustração das respostas da questão "c"/Aspectos morfossintáticos

	Opção	Frequência	%
1	c.1- O médico me observou.	14	17,5
2	c.2- O médico observou-me.	66	82,5
3	Total	80	100

A questão “c” traz um assunto muito explorado em trabalhos dissertativos e artigos, a colocação de pronomes em distintas frases.

Os dados indicam grande conhecimento sobre o assunto, uma vez que, 82,5% dos 100% possíveis, escolheu a opção c.2, gramaticalmente, correcta.

De acordo com Miguel e Alves (2008, p. 340), “o pronome, na frase, dependendo das circunstâncias, pode aparecer: antes do verbo; depois do verbo e a meio do verbo”.

A partir de Cegalla (2009), Cunha e Cintra (2014), Miguel e Alves (2016) percebe-se que a colocação do pronome antes do verbo tem o nome técnico de próclise; a colocação do pronome depois do verbo tem o nome técnico de ênclise e, por sua vez, a colocação do pronome a meio da frase tem o nome técnico de mesóclise.

Tabela 18: Ilustração das respostas da questão "c" quanto à faixa etária

Faixa etária	Opção	Frequência	%
Inferior ou igual a 25 anos	c.1	4	5%
Inferior ou igual a 25 anos	c.2	34	42,5
26 a 31 anos	c.1	5	6,25
26 a 31 anos	c.2	5	6,25
Igual ou superior a 32 anos	c.1	4	5
Igual ou superior a 32 anos	c.2	28	35

No primeiro intervalo atinente à faixa etária, temos o maior número de escolha da opção c.2, a opção correcta, do ponto de vista gramatical, com 42,5% dos 47,5 possíveis. Os dados apontam para um empate no segundo intervalo, com uma outra alteração no último intervalo, com a opção c.2 em destaque com 35% dos 40% possíveis.

Tabela 19: Ilustração das respostas da questão "c" quanto ao género

Género	Opção	Frequência	%
Masculino	c.1	7	8,75
Masculino	c.2	29	36,25
Feminino	c.1	7	8,75
Feminino	c.2	37	46,25

A tabela 19, sobre os dados da questão “c”, no âmbito do género, 36,25%, dos 45% possíveis do género masculino, escolheram a opção c.2. Para o género feminino, a opção c.2 foi escolhida por 46,25% dos 55% possíveis.

Tabela 20: Ilustração das respostas da questão "c" quanto à residência

Zona de residência	Opção	Frequência	%
Urbana	c.1	6	7,5
Urbana	c.2	26	32,5
Suburbana	c.1	6	7,5
Suburbana	c.2	34	42,5
Rural	c.1	2	2,5
Rural	c.2	6	7,5

Quanto à residência, os dados expressos na tabela 20, indicam que a zona suburbana apresenta o maior número de escolhas referentes à opção certa do ponto de vista gramatical, com 42,5% dos 50% possíveis, seguindo-se a zona urbana, com 32,5% dos 40% possíveis.

Tabela 21: Ilustração das respostas da questão "d"/ Aspectos morfosintácticos

Opção		Frequência	%
1	d.1- O médico não me observou.	25	31,25
2	d.2- O médico não observou-me.	55	68,75
3	Total	80	100

Na questão “d”, de modo geral, a opção d.2, a incorrecta, do ponto de vista gramatical, é a opção mais escolhida. Geralmente, esse fenómeno acontece quando os falantes não dominam as regras de colocação pronominal. Entretanto, para o contexto angolano, o fenómeno começa a ser visto como uma tendência e não, necessariamente, como um erro.

Do ponto de vista gramatical, diante de uma palavra atractiva, como é o caso do advérbio “não”, ocorre a próclise. Entretanto, os falantes visados, na sua maioria, preferem utilizar a ênclise, mesmo em frases que contenham advérbios.

Na questão “c”, uma questão semelhante a “d”, procurou-se buscar aspectos referentes à colocação do pronome oblíquo em frases sem palavras atractivas. Já na questão “d”, para variar, explorou-se o mesmo fenómeno com a existência de um advérbio de negação que é, por sinal, um elemento atractivo.

Tabela 22: Ilustração das respostas da questão "d" quanto à faixa etária

Faixa etária	Opção	Frequência	%
Inferior ou igual a 25 anos	d.1	12	15
Inferior ou igual a 25 anos	d.2	26	32,5
26 a 31 anos	d.1	4	5
26 a 31 anos	d.2	6	7,5
Igual ou superior a 32 anos	d.1	9	11,25
Igual ou superior a 32 anos	d.2	23	28,75

A questão “d”, vista na óptica da faixa etária, destaca-se o primeiro intervalo, com 32,5% de escolhas da opção d.2, a opção incorrecta, dos 47,5% possíveis, um dado secundado pelo terceiro intervalo, com 28% dos 40% possíveis.

Tabela 23: Ilustração das respostas da questão "d" quanto ao género

Género	Opção	Frequência	%
Masculino	d.1	12	15
Masculino	d.2	24	30
Feminino	d.1	13	16,25
Feminino	d.2	31	38,75

Quanto ao género, a opção mais escolhida, a d.2, destaca-se o género feminino com 38,75% dos 55% possíveis.

Tabela 24: Ilustração das respostas da questão "d" quanto à residência

Zona de residência	Opção	Frequência	%
Urbana	d.1	10	12,5
Urbana	d.2	22	27,5
Suburbana	d.1	13	16,25
Suburbana	d.2	27	33,75
Rural	d.1	2	2,5
Rural	d.2	6	7,5

Para o caso da residência, das três zonas, destaca-se a zona suburbana, dos 50 possíveis, a opção d.2 obteve 33,75% de escolhas, seguindo-se a zona urbana, tal como ilustra a tabela 24.

Tabela 25: Ilustração das respostas da questão "e"/ Aspectos morfosintáticos

Opção		Frequência	%
1	e.1- Vou à Luanda.	58	72,5
2	e.2- Vou a Luanda.	22	27,5
3	Total	80	100

Na questão “e”, o assunto é sobre a crase. Na mesma, a opção incorrecta é a mais indicada, neste caso, a e.1, com 72,5% dos 100%. De acordo com alguns autores, como é o caso de Miguel e Alves (2008), alguns topónimos são antecidos por artigos masculinos, estes não permitem a crase, outros são antecidos por artigos femininos, permitindo a crase e, por último, temos os que não são antecidos por artigos, estes também não permitem a crase.

Na mesma senda, em nota justificativa, Miguel e Alves (2008, p. 318) advertem que, “em caso de dúvida, usa-se um verbo que tenha como regência a preposição (d). Assim, é fácil verificar que não há contracção”.

Na frase em destaque, teríamos, por exemplo:

Venho de Luanda, o que, segundo as regras gramaticais, não é permitida a crase.

Tabela 26: Ilustração das respostas da questão "e" quanto à faixa etária

Faixa etária	Opção	Frequência	%
Inferior ou igual a 25 anos	e.1	28	35
Inferior ou igual a 25 anos	e.2	10	12,5

26 a 31 anos	e.1	5	6,25
26 a 31 anos	e.2	5	6,25
Igual ou superior a 32 anos	e.1	25	31,25
Igual ou superior a 32 anos	e.2	7	8,75

O caso da crase, do ponto de vista da faixa etária, os dados referentes à opção incorrecta são expressos da seguinte maneira: em síntese, o primeiro intervalo é predominante com 35% dos 47,5 possíveis. Com um empate no segundo intervalo de 6,25% para cada caso. Há um retorno da hegemonia da opção e.1, tal como ilustra a tabela 26.

Tabela 27: Ilustração das respostas da questão "e" quanto ao género

Género	Opção	Frequência	%
Masculino	e.1	28	35
Masculino	e.2	8	10
Feminino	e.1	30	37,5
Feminino	e.2	14	17,5

Quanto ao género, a opção incorrecta, e.1, ocupou o espaço de escolha de 37,5% dos 55% possíveis, uma realidade que não é muito diferente quanto ao género masculino, tal como pode ser observado a partir da tabela 27.

Tabela 28: Ilustração das respostas da questão "e" quanto à residência

Zona de residência	Opção	Frequência	%
Urbana	e.1	26	32,5
Urbana	e.2	6	7,5
Suburbana	e.1	28	35
Suburbana	e.2	12	15
Rural	e.1	4	5
Rural	e.2	4	5

Quanto à zona de residência, há uma aproximação de resultados entre as zonas urbana e suburbana, tal como aconteceu no fenómeno anterior, quanto ao género. Os inquiridos da zona suburbana, numa escala de 35% dos 50% possíveis, escolheram a opção e.1, a gramaticalmente incorrecta, aproximando-se a zona urbana, com 32,5% dos 40% possíveis.

Tabela 29: Ilustração das respostas da questão "f"/ Aspectos morfosintáticos

Opção		Frequência	%
1	f.1- Vou à Huíla.	60	75
2	f.2- Vou a Huíla.	20	25
3	Total	80	100

A tabela 29 apresenta resultados do segundo exercício no âmbito da crase. Os resultados contrastam com os da questão “e”, em que a opção gramaticalmente incorrecta foi a mais indicada. Na questão “f”, a opção mais escolhida é a f.1, a gramaticalmente correcta, com 75% dos 100% possíveis.

Os resultados remetem-nos a uma reflexão. Denotam que um número considerável de falantes apresenta algumas debilidades sobre o assunto, guiando-se pela sinalização da crase “à”, apesar do facto de que ela não ocorre com todos os topónimos, tal como foi esclarecido na questão “e”.

Tabela 30: Ilustração das respostas da questão "f" quanto à faixa etária

Faixa etária	Opção	Frequência	%
Inferior ou igual a 25 anos	f.1	32	40
Inferior ou igual a 25 anos	f.2	6	7,5
26 a 31 anos	f.1	8	10
26 a 31 anos	f.2	2	2,5
Igual ou superior a 32 anos	f.1	20	25
Igual ou superior a 32 anos	f.2	12	15

Do ponto de vista da faixa etária, no primeiro intervalo, a opção f.1, a gramaticalmente correcta, obteve 40% dos 47,5% possíveis de escolha, segue-se o terceiro intervalo, com 25% dos 40% possíveis.

Tabela 31: Ilustração das respostas da questão "f" quanto ao género

Género	Opção	Frequência	%
Masculino	f.1	32	40
Masculino	f.2	4	5
Feminino	f.1	28	35
Feminino	f.2	16	20

Para a questão atinente ao género, 40% dos 45% possíveis do género masculino, escolheu a opção f.1, a gramaticalmente correcta. O género feminino fez uma escolha mais equilibrada, tal como pode ser aferido na tabela 31.

Tabela 32: Ilustração das respostas da questão "f" quanto à residência

Zona de residência	Opção	Frequência	%
Urbana	f.1	30	37,5
Urbana	f.2	2	2,5
Suburbana	f.1	26	32,5
Suburbana	f.2	14	17,5
Rural	f.1	4	5
Rural	f.2	4	5

No quesito zona de residência, os indivíduos da zona urbana, na sua maioria, escolheram a opção f.1, a gramaticalmente correcta, com 37,5% dos 40% possíveis, seguindo-se a zona suburbana e, por último, a zona rural com um empate, 5% para cada questão (f.1 e f.2), tal como espelha a tabela 32.

Tabela 33: Ilustração das respostas da questão "g"/ Aspectos morfosintácticos

Opção		Frequência	%
1	g.1- A Florinda tinha visto o Montalvo.	50	62,5
2	g.2- A Florinda vira o Montalvo.	30	37,5
3	Total	80	100

A tabela 33 ilustra a preferência dos inquiridos quanto à utilização do pretérito mais-que-perfeito simples ou a sua equivalência na forma composta. Pela descrição da tabela, a opção g.1, forma composta, obteve 62,5% dos 100% possíveis.

Para a questão em destaque, não está em causa a dicotomia opção certa ou opção errada, uma vez que, as duas formas são aceites.

A opção mais escolhida reflecte o uso diário. A questão menos escolhida, por sua vez, é a que mais aparece em documentos escritos, seja em textos literários, seja em textos não-literários.

Tabela 34: Ilustração das respostas da questão "g" quanto à faixa etária

Faixa etária	Opção	Frequência	%
Inferior ou igual a 25 anos	g.1	24	30
Inferior ou igual a 25 anos	g.2	14	17,5
26 a 31 anos	g.1	6	7,5
26 a 31 anos	g.2	4	5
Igual ou superior a 32 anos	g.1	20	25
Igual ou superior a 32 anos	g.2	12	15

Os resultados expressos na tabela 33, analisados na tabela 34, quanto à faixa etária, o primeiro intervalo é dominante na indicação da opção g.1, com 30% dos 47,5% possíveis, seguindo-se o terceiro intervalo, com 25% dos 40% possíveis. Por último, o segundo intervalo, tal como ilustra a tabela em referência.

Tabela 35: Ilustração das respostas da questão "g" quanto ao género

Género	Opção	Frequência	%
Masculino	g.1	32	40
Masculino	g.2	4	5
Feminino	g.1	18	22,5
Feminino	g.2	26	32,5

Quanto ao género, a questão g.1 obteve 40% dos 45% possíveis do género masculino. Curiosamente, algo pode chamar a nossa atenção. Na questão em referência, o género feminino apresenta resultados contrários aos do género masculino, no âmbito da finalidade. O género feminino indicou, maioritariamente, a opção g.2, com 32,5% dos 55% possíveis.

Tabela 36: Ilustração das respostas da questão "g" quanto à residência

Zona de residência	Opção	Frequência	%
Urbana	g.1	24	30
Urbana	g.2	8	10
Suburbana	g.1	24	30
Suburbana	g.2	16	20
Rural	g.1	2	2,5
Rural	g.2	6	7,5

Para a questão referente à zona de residência, os resultados indicam para um empate na indicação da opção g.1 entre as zonas urbana e suburbana. Para a zona urbana, 30% dos 40% possíveis escolheu a questão g.1 e, para a zona suburbana, 30% dos 50 possíveis escolheu a opção g.1. Por último, a zona rural, tal como pode ser observado na tabela 36.

Tabela 37: Ilustração das respostas da questão "h"/ Aspectos morfosintáticos

	Opção	Frequência	%
1	h.1- Se veres a Ana, diga alguma coisa.	16	20
2	h.2- Se vires a Ana, diga alguma coisa.	64	80
3	Total	80	100

Para o caso da tabela 37, temos a exposição da questão h. Como observamos, a opção h.2 é a mais escolhida, a mesma obteve 80% dos 100% possíveis.

A questão tem a ver com a utilização do verbo ver, no modo conjuntivo, tempo futuro simples. Em alguns falantes, para o caso do verbo ver, há uma tendência em se utilizar a expressão “se veres”. O fenómeno ocorre tendo em conta dois factores: o desconhecimento das regras de conjugação do verbo em causa; por outra, por uma questão de costume. Alguns fenómenos linguísticos podem resultar de situações frequentes.

Tabela 38: Ilustração das respostas da questão "h" quanto à faixa etária

Faixa etária	Opção	Frequência	%
Inferior ou igual a 25 anos	h.1	6	7,5
Inferior ou igual a 25 anos	h.2	32	40
26 a 31 anos	h.1	4	5
26 a 31 anos	h.2	6	7,5
Igual ou superior a 32 anos	h.1	6	7,5
Igual ou superior a 32 anos	h.2	26	32,5

Em termos etários, quanto à opção correcta do ponto de vista gramatical, h.2, os dados obtidos remetem-nos para 40% dos 47,5% possíveis referentes ao primeiro intervalo. Para o terceiro intervalo, 32,5% dos 40% possíveis. Finalmente, o segundo intervalo com 7,5% dos 12,5% possíveis.

Tabela 39: Ilustração das respostas da questão "h" quanto ao gênero

Gênero	Opção	Frequência	%
Masculino	h.1	7	8,75
Masculino	h.2	29	36,25
Feminino	h.1	9	11,25
Feminino	h.2	35	43,75

Na perspectiva do gênero, a opção h.2 foi escolhida por 36,25% dos 45% do gênero masculino. Para o gênero feminino, a opção h.2 aparece com 43,75% dos 55% possíveis.

Tabela 40: Ilustração das respostas da questão "h" quanto à residência

Zona de residência	Opção	Frequência	%
Urbana	h.1	6	7,5
Urbana	h.2	26	32,5
Suburbana	h.1	8	10
Suburbana	h.2	32	40
Rural	h.1	2	2,5
Rural	h.2	6	7,5

Quanto às zonas de residência, a zona suburbana destaca-se na escolha da opção h.2 com 40% dos 50 possíveis, seguindo-se a zona urbana com 32,3% dos 40% possíveis. A zona rural aparece na última posição, tal como ilustra a tabela 40.

CONCLUSÕES

Desde o princípio do nosso trabalho, como pode ser observado, que decidimos abordar sobre a Caracterização do português falado no Huambo, com incidência nos aspectos fonológicos e morfossintáticos; foi, metodologicamente, um trabalho qualiquantitativo, com enfoque sociolinguístico, ou seja, uma pesquisa sociolinguística.

O trabalho está dividido em dois aspectos essenciais, uma componente teórica e uma componente empírica. A base teórica está constituída pelos conceitos essenciais, pelas visões de autores e pelos aspectos metodológicos. A componente empírica, por sua vez, está constituída pelos seguintes elementos: dados introdutórios, Caracterização do português falado no Huambo, tendo em conta os aspectos fonológicos e morfossintáticos.

Sobre os dados introdutórios da amostra temos a destacar: faixa etária, género, residência, língua materna, domínio linguístico e língua falada com maior frequência. Em síntese:

- i) O maior número de participantes no trabalho pertence ao intervalo de inferior ou igual a 25 anos;
- ii) Quanto ao género, o maior número pertence ao género feminino;
- iii) Em termos de residência, destaca-se a zona suburbana;
- iv) Quanto à língua materna, destaca-se o português;
- v) Para o domínio linguístico, o maior número é bilingue, falando português e umbundu;
- vi) A língua falada com maior frequência é o português.

Em função do quinto ponto, quanto ao perfil linguístico dos falantes do Huambo, estamos diante de uma comunidade, essencialmente, bilingue, ou seja, fala-se sempre mais uma língua além da materna. Para o caso em concreto, a maior incidência recai para os idiomas português e umbundu.

Do ponto de vista prático, a comunidade é bilingue, entretanto, o português é o idioma mais falado, utilizado em vários contextos sociais. Neste caso, não estamos diante de um bilinguismo institucional e, ao considerarmos o Huambo como um território em que reina o bilinguismo, limitamos o conceito ao facto da noção de coabitação linguística - não buscámos a noção de política linguística, uma vez que, as línguas angolanas não têm o mesmo estatuto com o português. Segundo Armindo (2020, p. 178), “em Angola a língua de origem ocidental é a mais prestigiada, neste caso, não se pode dizer que existe bilinguismo ou multilinguismo; o que existe é uma diglossia.”

Continuando no âmbito empírico do trabalho, as constatações mais relevantes sobre a Caracterização preconizada, de forma sintética, quanto aos aspectos fonológicos, são três fenómenos:

- Supressão da consoante “r” na formação de frases com verbos no infinitivo²⁰;
- Adição da vogal “e” em frases com verbos no infinitivo²¹;
- Adição de uma consoante nasal diante de palavras iniciadas pelas consoantes b, d, g.

Para os aspectos morfossintáticos, foram constatados os seguintes fenómenos:

O primeiro elemento explorado foi o uso da vírgula, não como um sinal de pontuação que indica pausa, mas como um elemento isolador, um vocativo. O fenómeno, do ponto de vista numérico, é bem dominado, com 80% da amostra escolhendo a opção “a.2”²², a gramaticalmente correcta. O segundo elemento não é diferente do primeiro, apenas, mudou-se o alcance semântico.

No segundo caso, procurou-se saber a compreensão da utilização da vírgula em frases com pendor afirmativo. Na questão em referência, procurou-se saber se os falantes tinham ou não a tendência de separar o sujeito do predicado com uma vírgula. Os resultados indicam para a tendência de não se separar, com a maior escolha para a opção “b.1”²³, com uma margem significativa por se melhorar.

No terceiro elemento, buscou-se o domínio da colocação de pronomes oblíquos ou átonos em frases afirmativas. O fenómeno em referência é, pelos resultados obtidos, compreendido pela maioria dos inquiridos, a opção “c.2”²⁴, a gramaticalmente correcta, destaca-se com 82,5% de escolhas.

No quarto elemento, tal como no terceiro, a tónica recai para o domínio da colocação dos pronomes oblíquos ou átonos, entretanto, em frases cujo pronome é antecedido por advérbios ou outros elementos atractivos. Para o fenómeno em causa, os

²⁰ Ver tabela 7

²¹ Ver tabela 8

²² Ver tabela 9

²³ Ver tabela 13

²⁴ Ver tabela 17

dados contrastam com os do terceiro, a questão “d.2”²⁵, a gramaticalmente incorrecta, é a mais indicada, com 68,75% de escolhas.

No quinto elemento, procurou-se perceber o fenómeno da crase com topónimos. A opção “e.1”²⁶, a gramaticalmente incorrecta, é a mais indicada, com 72,5% de escolhas.

No sexto elemento, procurou-se explorar o mesmo assunto com um outro topónimo. Neste caso, os resultados obtidos foram diferentes, a opção “f.1”²⁷, a gramaticalmente correcta, é mais indicada, com 75% de escolhas.

No sétimo elemento, explorou-se a utilização do pretérito mais-que-perfeito. Segundo os resultados obtidos, a opção “g.1”²⁸, a forma composta, é a mais indicada, com 62,5% de escolhas.

No oitavo e último elemento, explorou-se um assunto referente à conjugação de verbos no modo conjuntivo. Para o fenómeno em referência, a opção “h.2”²⁹, a gramaticalmente correcta, é a mais indicada, com 80% de escolhas.

Os resultados expostos, em resumo, confirmam a primeira hipótese da dissertação, o português falado no Huambo acarreta consigo aspectos fonológicos e morfossintácticos distintos. São aspectos válidos para estudos comparativos e análises sociolinguísticas.

O estudo comprova que uma língua é sempre variável. A língua portuguesa não foge a regra. O contacto entre as línguas gera simbiose nos mais variados domínios: fonológico, morfológico, sintáctico, semântico e lexical, o que acrescenta ou gera novos fenómenos em cada uma das línguas.

Alguns elementos analisados no trabalho, sobretudo no âmbito empírico, concordam com os trabalhos desenvolvidos por Undolo (2014), Adriano (2014), Benvindo (2016) e Armindo (2020), existem elementos que fazem com que a variante do português de Angola (VAP) seja um facto.

A relação que a língua portuguesa tem com as línguas autóctones, tornou a mesma cada vez mais rica, com aspectos muito próprios. Independentemente da utilização ou não da terminologia português de Angola, fica-se com ideia de que o português falado em Angola é diferente do português europeu (PE).

²⁵ Ver tabela 21

²⁶ Ver tabela 25

²⁷ Ver tabela 29

²⁸ Ver tabela 33

²⁹ Ver tabela 37

Recomendações

Em função das conclusões apresentadas, traçamos as seguintes recomendações:

1. Para pesquisadores e académicos

- Realizar estudos comparativos entre outras províncias de Angola para perceber variações regionais do português falado;
- Aprofundar a análise lexical e semântica, uma vez que o presente estudo explorou apenas os níveis fonológico e morfossintático;
- Promover estudos longitudinais para perceber a evolução da fala na região ao longo do tempo, sobretudo com o aumento da urbanização.

2. Para o sistema educativo

- Incluir conteúdos sobre variantes do português de Angola nos programas de ensino, especialmente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Linguística;
- Valorizar o bilinguismo no ensino básico e ensino secundário, criando abordagens pedagógicas que respeitem e aproveitem a convivência do português com as línguas nacionais;
- Formar professores para lidar com a diversidade linguística e suas implicações na aprendizagem, evitando a estigmatização de fenómenos naturais da variação linguística.

3. Para as políticas linguísticas

- Repensar a noção de política linguística vigente com base em estudos empíricos como o presente.
- Fomentar a documentação e preservação das línguas nacionais, como o umbundu, através de programas de ensino bilingue e publicações didáticas.
- Criar iniciativas de sensibilização linguística para promover o respeito pela variação e combater preconceitos linguísticos.

4. Para a sociedade em geral

- Promover campanhas de valorização das línguas angolanas como parte essencial da identidade nacional.
- Combater a discriminação linguística em contextos escolares, profissionais e sociais, valorizando todas as formas legítimas de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adriano, P. S. (2014). *Tratamento morfossintático de expressões e estruturas frásicas do português em Angola: divergências em relação à norma europeia (Tese de Doutoramento em Linguística)*. Évora.

Aguilera, V. d., Mota, J. A., & Oliveira, J. M. (2021). *Suzana Cardoso: um legado para a dialetologia brasileira*. Bahia: CBL.

Armindo, V. (2020). *O contributo do kimbundu no português em Angola (aspetos lexicais) - Tese de Doutoramento em Linguística*. Portugal: Escola de Ciências Sociais, Departamento de Linguística: Universidade de Évora.

Azeredo, O., Pinto, I. F., & Lopes, C. A. (2014). *Da Comunicação à Expressão - Gramática Prática de Português 3.º Ciclo do Ensino Básico Secundário*. Lisboa: Raiz Editora.

Azevedo, F. J. (2015). *Metodologia da Língua Portuguesa*. Angola: Plural Editores.

Benvindo, A. F. (2016). *Lexicografia bilingue de aprendizagem: Contribuição para o desenvolvimento do léxico da língua portuguesa das crianças na província do Huambo-Angola*. Lisboa: FSCH.

Borba, F. d. (1976). *Pequeno vocabulário de linguística moderna* (2ª ed.). São Paulo: Nacional: Nacional.

Borregana, A. A. (2012). *Gramática - Língua Portuguesa*. Lisboa: Textos Editores.

Câmara Jr., J. M. (1991). *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Editora Vozes.

Cegalla, D. P. (2009). *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.

Chicuna, A. M. (2018). *Portuguesismos nas línguas bantu: para um dicionário Português – Kiyombe* (3ª ed.). Lisboa: Edições Colibri.

Chimbinda, J. S. (2022). *Do fonema ao texto Umbundu*. Huambo: ETU.

- Chivinga, A. N. (2014). *Que futuro para as línguas nacionais angolanas?* Luanda: Centr`Artes.
- Coelho, I. L., Görski, E. M., May, G. H., & Souza, C. M. (2012). *Sociolinguística - 6º período*. Florianópolis: UFSC.
- Costa, T. M. (2015). *Umbundismos no Português de Angola: Proposta de um Dicionário de Umbundismos*. Lisboa: FSCH.
- Cruz, A. d. (2013). *Estudo comparativo entre o perfil linguístico do falante urbano do Lubango e do Huambo e suas implicações no ensino do Português*. Lisboa: FCSH.
- Crystal, D. (1973). *A Linguística*. Lisboa: Dom Quixote.
- Crystal, D. (1988). *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (21 ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (21ª ed.). Lisboa: JSC.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa - Instrumentos de Análise* (1ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Dubois, J. (1978). *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix.
- Dubois, J. (1995). *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix. São Paulo: Cultrix.
- Fernandes, J., & Ntongo, Z. (2002). *Angola: povos e línguas*. Luanda: Editorial Nzila.
- Florido, M. B., & Silva, M. E. (1986). *Novos caminhos para a linguagem 3*. Lisboa: Porto editora.
- Gama, M. L. (2008). *O Ensino do Português como Língua Não Materna - Que Metodologias?* Covilhã: UBI.
- Garcia, M. C., & Reis, B. A. (2016). *Gramática da Língua Portuguesa: Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Rideel .

Grós, A. P. (2020). *Lexicografia bilingue de especialidade: e-dicionário português-kimbundu no domínio da saúde*. Luanda: Mayamba.

Henriques, I. C. (2017). *A competência linguística e o (in)sucesso académico nos cadetes do ISTM*. Covilhã: UBI.

Hymes, D. (1995). *Acerca de la competencia comunicativa*. In: Llobera, M. et al *competencia comunicativa. Documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: Edelsa.

Macêdo, M. V. (2012). *A constituição de subáreas dialetais no falar da Bahia*. Salvador: UFBA.

Malumbu, M. (2007). *Gramática da Língua Umbundu, Onungandaka Y'elimi Ly'umbundu, Umbundu- Português*. Roma: Edizioni Vivere in.

Mateus, M. H., & Carneira, E. (2007). *Norma e Variação* (1ª ed.). Luanda: Editorial Nzila.

Mateus, M. H., & Villalva, A. (2006). *Linguística*. Lisboa: Caminho.

Miguel, M. H., & Alves, M. A. (2008). *Manual Convergências* (2ª ed.). Luanda: Jorge Fernandes.

Miguel, M. H., & Alves, M. A. (2016). *Saber +: Manual de Língua Portuguesa para o ensino universitário*. Luanda: Norprint.pt.

Mingas, A. (2000). *MINGAS, Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. Luanda: Chá de Caxinde.

Nascimento, Z., & Pinto, J. M. (2006). *A Dinâmica da Escrita: Como Escrever com Êxito* (5ª ed.). Lisboa: Plátano Editora.

Neto, C. G. (2009). *O perfil linguístico e comunicativo dos alunos da Escola de Formação de Professores “Garcia Neto”*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Neto, T. d. (2014). *História da Educação e Cultura de Angola*. Luanda: Zaina Editores.

Nzau, D. G. (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: Um contributo para o estudo da sua nacionalização*. Covilhã.: UBI.

Pinto, J. M., Neves, M., & Lopes, M. d. (1997). *Gramática do Português Moderno*. Lisboa: Plátano Editora.

Saussure, F. d. (2010). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

Sena, M. R. (2022). *Línguas e constituição na Argélia e no Marrocos: a gestão oficial da diglossia*. Rio de Janeiro: UFF.

Silva, A. K. (2020). *Formas de Tratamento no Português de Angola. Estudo Sociolinguístico*. Évora: UE.

Spinassé, K. P. (Novembro de 2006). Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, 1, 01-10.

Undolo, M. E. (2014). *Caracterização da norma do português em Angola (Tese de Doutoramento em Linguística)*. Évora.

Valente, J. F. (1964). *Gramática Umbundu (A língua do Centro de Angola)*. Lisboa. Lisboa.

Viti, N. V. (2012). *Interferência Linguística do Umbundu no Português e Respectiva Aprendizagem*. Lisboa: FCSH.

Outras fontes

Constituição da República de Angola. (2010). Luanda: Imprensa Nacional.

<http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html>

<http://governo.gov.ao>

INE (2016). *Projecção da População da Província do Huambo: 2014-2050*. Luanda: INE - Divisão de Reprografia.

INE (2016). *Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola 2014*. Luanda: INE - Divisão de Reprografia.

Ministério da Saúde de Angola. (2015). *Plano Provincial de Desenvolvimento Sanitário (PMDS) 2013-2017*. Huambo: MINSA.

QECR. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas-aprendizagem, ensino, avaliação*, Conselho da Europa. Porto: Asa.

APÊNDICES

Apêndice A - Entrevista Sociolinguística



Entrevista Sociolinguística

Nota:

Com a presente entrevista sociolinguística, pretende-se, com o devido profissionalismo, obter algumas informações úteis para a redacção da Dissertação de Mestrado intitulada “**Caracterização do português falado no Huambo: Aspectos Fonológicos e Morfossintácticos**”.

1. Dados essenciais

- a) Idade _____
- b) Género (sexo) _____
- c) Nível de escolaridade _____
- d) Ocupação _____
- e) Local de nascimento _____
- f) Residência _____
- g) Língua materna/ Língua primeira _____
- h) Outras línguas faladas _____
- i) Língua falada com maior frequência _____
- j) Descrição do contexto em que ela é mais falada _____

2. Questões úteis para a obtenção de realizações fonológicas

- a) Faça um retrato falado sobre a sua infância;
- b) Quais são os lugares (países, províncias, municípios e comunas) que conhece?
- c) Qual foi a melhor experiência que teve num desses lugares?
- d) Quais são os seus pratos favoritos no âmbito da gastronomia angolana?
- e) Faça um relato sobre algumas preferências: animais, frutas, tubérculos, hortaliças.

Anotações:

Huambo, _____ de junho de 2024

Apêndice B - Questionário



Questionário

Nota:

Caro estudante, com este questionário, de forma fidedigna, pretende-se obter algumas informações úteis para a redacção da Dissertação de Mestrado intitulada “**Caracterização do português falado no Huambo: Aspectos Fonológicos e Morfossintácticos**”.

Os dados obtidos serão exclusivos para a referida Dissertação e, consequentemente, manter-se-ão em sigilo profissional.

1ª parte - Questionário extralinguístico

Assinale com (x) a opção que reflecte o seu contexto:

1. Intervalo de idade:

1	Inferior ou igual a 25 anos	
2	26 a 31 anos	
3	Igual ou superior a 32 anos	

2. Género:

1	Masculino	
2	Feminino	

3. Residência:

1	Zona urbana	
2	Zona suburbana	
3	Zona rural	

2ª parte - Questionário linguístico

Questões prévias

1. A minha língua materna é:

1	Português	
2	Umbundu	
3	Outra:	

2. Tenho domínio da/s seguinte/s língua/s:

1	Português	
2	Português e Umbundu	
3	Português e mais línguas angolanas	
4	Português mais uma ou duas língua(s) estrangeiras	

3. A língua falada com maior frequência é:

1	Português	
2	Umbundu	
3	Outra:	

Aspectos práticos

1. Aspectos morfossintáticos

a)

a.1	Colega tem alguma inquietação?	
a.2	Colega, tem alguma inquietação?	

b)

b.1	A Ariela, tem alguma inquietação.	
b.2	A Ariela tem alguma inquietação.	

c)

c.1	O médico me observou.	
c.2	O médico observou-me.	

d)

d.1	O médico não me observou.	
d.2	O médico não observou-me.	

e)

e.1	Vou à Luanda.	
e.2	Vou a Luanda.	

f)

f.1	Vou a Huíla.	
f.2	Vou á Huíla.	

g)

g.1	A Florinda tinha visto o Montalvo.	
g.2	A Florinda vira o Montalvo.	

h)

h.1	Se veres a Ana, diga alguma coisa.	
h.2	Se vires a Ana, diga alguma coisa.	

O mestrando

Inocêncio F. Kuyanga

Huambo, _____ de junho de 2024

ANEXOS

Anexo A - Autorização institucional



UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO FACULDADE DE HUMANIDADES

Visto do Decano

Feliciano dos Santos Moreira Bastos
(Professor Catedrático)

CREDENCIAL

A Faculdade de Humanidades da UAN vem informar as autoridades a quem o conhecimento desta competir que o **Sr. Inocêncio Furtunato Kuyanga**, estudante de Mestrado em Língua Portuguesa, se encontra a desenvolver a sua Dissertação, subordinada ao tema: "**Caracterização do Português falado no Huambo: Aspectos fonológicos e Morfossintáticos**". Sob a orientação do Profº Doutor Victoriano Armindo.

Por este facto, solicitamos às autoridades de direito para que não lhe ponham impedimento, e que lhe sejam providenciados os possíveis contactos, entrevistas, consultas aos acervos bibliográficos, bem como todo o apoio necessário para a recolha de dados (trabalho de campo).

Agradecemos a vossa boa colaboração.

Faculdade de Humanidades em Luanda, aos 08 de Maio de 2024.

O Vice-Decano para os Assuntos Científicos

Prof. Doutor Francisco Jacucha Cahuco Kimbanda
(Professor Auxiliar)

Anexo B - Solicitação de autorização para realização de trabalho de campo

Não vejo qualquer inconvénio. Pelo que está autorizada a realizar o referido trabalho.

CAÁLA
DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E PÓS-GRADUAÇÃO

Ao
Departamento de Investigação Científica e Pós-graduação
do Instituto Superior Politécnico da Caála

Assunto: Solicitação de autorização para a realização de trabalho de campo

Inocêncio Furtunato Kuyanga, estudante do Curso de Mestrado em Língua Portuguesa, na Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto, com o objectivo de realizar entrevistas e aplicar questionários no Instituto Superior Politécnico da Caála, elementos cruciais da Dissertação de Mestrado com o tema “**Caracterização do português falado no Huambo: aspectos fonológicos e morfossintácticos**”, vem, pela presente via, solicitar a devida autorização ao Departamento em referência.

Pelo que;
Espera deferimento.

Caála, 15 de Maio de 2024

O solicitante
Inocêncio F. Kuyanga
Inocêncio Furtunato Kuyanga

Anexo C - Autorização da pesquisa pelo ISP-Caála

**CAÁLA**
INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO

**GABINETE DO VICE-PRESIDENTE PARA OS ASSUNTOS CIENTÍFICOS E
PÓS-GRADUAÇÃO**

_____/GAB.V-P/ACPG/ISPCAÁLA

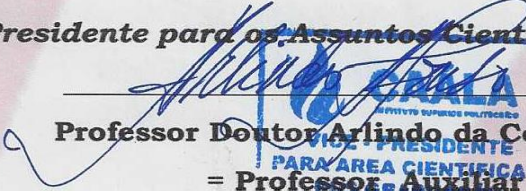
Autorização para realização de pesquisa

Instituto Superior Politécnico da Caála, com sede no Município da Caála na Rua Hoji-Ya-Henda, reconhecida pelo Governo Angolano ao abrigo do Decreto Presidencial n.º 132/17 no seu artigo n.º 7º ponto n.º 3 publicado em Diário da República I Série nº 98 de 19 de Junho de 2017, cuja Entidade Promotora é Empresa Vinech Formação Limitada.

E tendo em vista a realização do trabalho de campo nesta Instituição de Ensino Superior e como elementos cruciais para a dissertação de mestrado com o tema: “Caracterização do português falado no Huambo: aspectos fonológicos e morfossintáticos”, requerida por **Inocêncio Fortunato Kuyanga**, estudante do curso de mestrado em Língua portuguesa, na Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto, somos por este meio autorizar a colecta de dados.

Caála, aos 23 de Maio de 2024

O Vice-Presidente para os Assuntos Científicos e Pós-Graduação



Professor Doutor Arlindo da Costa Afonso
VICE-PRESIDENTE
PARA A ÁREA CIENTÍFICA E
PÓS-GRADUAÇÃO

Instituto Superior Politécnico da Caála, Aprovado por Decreto Presidencial nº 132/17, Artigo 7º, publicado I SÉRIE-Nº 98 DE JUNHO DE 2017

Anexo D – Alfabeto Fonético Internacional

O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (revisado até 2019)

CONSOANTES (PULMÔNICAS)

© 2019 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Faringal		Glotal	
Plosiva	p b		t d			ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ			ʔ	
Nasal	m	ɱ	n			ɳ	ɲ	ŋ	ɴ				
Vibrante	B		r						ʀ				
Tap ou flap		ⱱ	ɾ			ɽ							
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ		
Fricativa lateral			ɬ ɮ										
Aproximante		ʋ	ɹ			ɻ	j	ɰ					
Aproximante lateral			ɭ			ɭ	ʎ	ʟ					

Os símbolos à direita de uma célula são vozeados, à esquerda são não vozeados. Áreas sombreadas denotam articulações julgadas como impossíveis.

CONSOANTES (NÃO PULMÔNICAS)

Cliques	Implosivas vozeadas	Ejetivas
ɓ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ Exemplos:
ɗ Dental	ɗ Alveolodental	pʼ Bilabial
ɠ (Pós-)alveolar	ɠ Palatal	tʼ Alveolodental
ɠ Palatoalveolar	ɠ Velar	kʼ Velar
ɠ Lateral alveolar	ɠ Uvular	sʼ Fricativa alveolar

OUTROS SÍMBOLOS

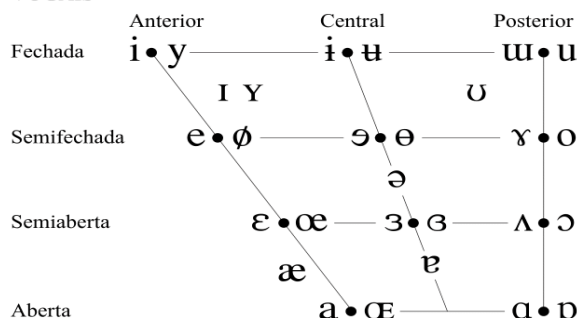
M Fricativa labiovelar não vozeada	Ç Z Fricativas alveolopalatais
W Aproximante labiovelar vozeada	J Flap alveololateral vozeado
ɥ Aproximante labiodental vozeada	h Simultâneo ɲ e X
H Fricativa epiglotal não vozeada	Africadas e articulações duplas
ʕ Fricativa epiglotal vozeada	podem ser representadas por dois
ʔ Plosiva epiglotal	símbolos unidos por uma ligatura
	se necessário.

DIACRÍTICOS

o Não vozeado	<u>ɲ</u> <u>ɖ</u>	.. Soproso vozeado	<u>b</u> <u>a</u>	ɳ Dental	<u>t</u> <u>d</u>
✓ Vozeado	<u>s</u> <u>t</u>	~ Laringalizado vozeado	<u>b</u> <u>a</u>	ɳ Apical	<u>t</u> <u>d</u>
h Aspirado	<u>t^h</u> <u>d^h</u>	~ Linguolabial	<u>t</u> <u>d</u>	ɳ Laminar	<u>t</u> <u>d</u>
, Mais arredondada	<u>ɔ</u>	W Labializado	<u>t^w</u> <u>d^w</u>	~ Nasalizado	<u>ẽ</u>
c Menos arredondado	<u>ɔ</u>	j Palatalizado	<u>t^j</u> <u>d^j</u>	n Soltura nasal	<u>dⁿ</u>
+ Avançado	<u>u</u>	Y Velarizado	<u>t^y</u> <u>d^y</u>	l Soltura lateral	<u>d^l</u>
- Retraído	<u>e</u>	ɣ Faringalizado	<u>t^ɣ</u> <u>d^ɣ</u>	ɳ Soltura não audível	<u>d^ɳ</u>
.. Centralizado	<u>ë</u>	~ Velarizado ou faringalizado	<u>ɬ</u>		
× Centralizado ao meio	<u>ẽ</u>	ɹ Alçado	<u>e</u> (ɹ = fricativa alveolar vozeada)		
, Silábico	<u>ɲ</u>	ɾ Abaixado	<u>e</u> (ɾ = aproximante bilabial vozeada)		
˘ Assilábico	<u>e</u>	ɹ Raiz da língua avançada	<u>e</u>		
˘ Roticizado	<u>ə</u> <u>a</u>	ɹ Raiz da língua retraída	<u>e</u>		

Alguns diacríticos podem ser colocados acima de um símbolo com uma descendente, e.g. $\mathring{n}$

VOGAIS



Onde os símbolos aparecem aos pares,
o da direita representa uma vogal arredondada.

SUPRASSEGMENTAIS

	Acento primário	,founə'tɪʃən
	Acento secundário	
ː	Longo	eː
ˑ	Meio longo	eˑ
	Muito curto	ẽ
	Agrupamento menor (pé)	
	Agrupamento maior (entoacional)	
.	Quebra silábica	.i.ækt
˘	Ligatura (ausência de quebra)	

TOM E ACENTOS DE PALAVRA

NÍVEL		CONTORNO	
ẽ ^{ou}	↗ Muito alto	ẽ ^{ou}	↗ Ascendente
é	↗ Alto	ê	↘ Descendente
ē	↗ Medial	ẽ	↗ Descendente elevado
è	↘ Baixo	ẽ	↗ Descendente abaixado
ẽ ^{ou}	↘ Muito baixo	ẽ	↗ Ascendente-descendente
↓	Nível abaixo	↗	Subida global
↑	Nível acima	↘	Descida global

